

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O RUFAR DAS CAIXAS: SINCRETISMO E IDENTIDADE NEGRA
EM CATALÃO ATRAVÉS DAS CONGADAS

FLÁVIO ARCANJO

GOIÂNIA - 2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

O RUFAR DAS CAIXAS: SINCRETISMO E IDENTIDADE NEGRA
EM CATALÃO ATRAVÉS DAS CONGADAS

FLÁVIO ARCANJO

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira.

Aos meus pais, Esmeraldo e Anésia, por tudo
que me ensinaram.

AGRADECIMENTOS

Existe para mim uma grande dificuldade em fazer agradecimentos, pois na minha vida, várias pessoas de uma maneira ou de outra, sempre me deram uma ajuda, e agora, fico numa dúvida cruel, quem agradecer primeiro.

Para não ficar constrangido, primeiramente agradeço a entidade CAPES, pela bolsa que tive nestes últimos seis meses, que muito facilitou, neste árduo caminho do mestrado.

Ao corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás, pelo empenho de nos mostrar uma nova realidade.

Aos colegas do mestrado pelas trocas de conhecimento e a amizade que ficou, principalmente a Neldinei, Marcelo, padre Célio, Cláudio, Salete, a irmã Ana pelas suas palavras de conforto e carinho e também a Roxana.

Em especial ao Prof. Sérgio de Araújo, pela sua maneira calma de explicar, e a sua amizade.

Ao Sr. Rubens Nei Gomes de Catalão, pela maneira que me acolheu, quando da minha pesquisa de campo. O Sr, Edson Arruda, por me permitir participar das saídas do Terno de Congo Prego, ao Prof. José Francisco, funcionário da Fundação Cultural, pela paciência e presteza.

E de uma maneira bem fraternal ao meu orientador Prof. Dr. Marcos Silva da Silveira, pela sabedoria e paciência, pela sua boa vontade que não mediu esforços, sua amizade, sei que te devo, mas te devo e muito por tudo o que consegui até agora. De coração meu muito obrigado.

RESUMO

ARCANJO, Flávio. O rufar das caixas: identidade e sincretismo negra em Catalão através das congadas.

Ressaltar os fatos históricos e sociais em Catalão, cidade que surgiu nos finais do século XVIII, no sul do estado de Goiás, sendo passagem obrigatória de bandeiras e caravanas, usou mão de obra escrava, foi criada no lugarejo uma Irmandade, que vai criar e ainda manter o ethos cultural negro, não mais como marca de referência de uma raça, mas de toda uma cidade.

Qual foi, e qual é a importância da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no desenvolvimento dos festejos das congadas, e na coroação do rei negro, que acontece no mês de outubro em Catalão.

Demonstrar o desenvolvimento cultural e social de Catalão e a participação que os negros tiveram neste contexto utilizando os seus festejos de santos de preto.

palavras chave: congada, Irmandade, ethos, rei negro, festejos e negros.

ABSTRACT

ARCANJO, Flávio. The roll of the boxes: identity and sincretism black in Catalan through the congadeas.

To emphasize the historical and social facts in Catalan, city that appeared in the ends of the century XVIII, in the south of state of Goiás, being obligatory passage of flags and caravans, it used hand of slave work, it was created at the village a Fraternity, that will create and still to maintain the black cultural ethos, no more as mark of reference of a race, but of na entire city.

Who was, and which is the importance of the Fraternity of Our Lady of Rosário, in the development of the fesasts of the congadas, and in the black king's coronation, that it happens in the month of October in Catalan.

To demonstrate Catalan's cultural and social development and the participation that the blacks had in this context using their feasts of black saints.

Key words: congadas, Fraternity, ethos, black king's, feasts and blacks

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I - CATALÃO, SUA HISTÓRIA, SUA CULTURA E SUAS CONGADAS	15
1.1 Catalão: dias atuais	25
1.2 As festividades populares de Catalão	29
CAPITULO II - AS IRMANDADES NEGRAS NO BRASIL	36
2.1 As Irmandades nas regiões das minas	39
CAPITULO III - O REI NEGRO NO BRASIL	51
3.1 A chegada do rei negro no sertão de Goiás	62
CAPITULO IV - AS CONGADAS DE CATALÃO NA ATUALIDADE	67

4.1 A Família Real	67
4.2 A Irmandade hoje	69
4.3 O simbolismo dos festejos	74
4.4 Os rituais	76
4.5 O outro lado da festa	83
CONCLUSÃO	86
BIBLIOGRAFIA	88
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

"A presença do negro na formação social do Brasil foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico, desdobrado em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas de enorme importância para a identidade do país e de sua civilização".
(Prandi, 1995; p115)

Quando se propõem a falar de um determinado assunto ligado a determinadas festividades, logo nos reportamos à nossa meninice, período esse em que as coisas que acontecem ao nosso redor é maravilhoso, cheio de encantos, parece ter magia.

Durante um período da minha vida, filho de família pobre, estive muito ligado em Pirenópolis, cidade natal de minha mãe, onde em função da dificuldade,

de viver em uma cidade maior, refugiava-mos em casa de uma tia, que se localiza na rua Pirineus Nº 2, próxima à ponte do rio das Almas e a cadeia pública.

Esse recolhimento se dava principalmente na época dos festejos do Divino Espírito Santo, festa que até os dias de hoje é considerada uma das melhores do Estado. A ida estava ligada por um motivo muito forte, pois minha mãe, trabalhava fazendo quitandas que iria estar junto às mesas das famílias abastadas da cidade que iria receber eus visitantes ilustres.

Menino, aproveitava tudo que me era de direito, do tomar banho na Ramalhuda, conhecido como o banheiro dos homens, até levantar cedo para assistir a alvorada, que se realizava às portas da Igreja do Bonfim, chamando os cavaleiros para o treino, cavaleiros que iriam abrilhantar os três últimos dias da festa com as Cavalhadas.

A alvorada, era feita com uma salva de tiros de roqueira, foguete, que é montado numa base de madeira, e tem um cano onde é socado pólvora preta junto com farelo de arroz, e que dispara seu tiro como um tiro de canhão, e tinha um conjunto de pessoas, na sua grande maioria formada por negros e pardos, que tocavam enormes tambores de couro, era a Banda de Couro.

Aquele som dos tiros o som de um trovão, provocado pelos tambores, me deixava extasiado, era como se o som adentrasse na minha pessoa.

Aquilo tudo ficou na memória, o tempo passou, e nas andanças que empreendi pelo mundo, certo dia passando por uma cidade do sudoeste goiano, dei-me novamente ser contagiado pelo som que na infância me deslumbrava, só que não era a Banda de Couro, mas eram os congadeiros de Catalão.

Mas a situação não me permitia que eu acompanhasse mais de perto aquele festejo, e por duas outras vezes, tive então ter a oportunidade de estar presente na festa em Catalão.

Quando surgiu a oportunidade de fazer um mestrado, quis então me aprofundar no assunto das festividades, só que quando iniciei a procura de tema, lembrei-me da Banda de Couro, estive em Pirenópolis, mas o que eu encontrei da antiga banda, não era nada daquilo que eu tinha conhecido antes, ela estava toda desfigurada, o grande contingente de tocadores, estava restrito a uma meia dúzia de pessoas, veio então a grande decepção, meu tema tinha sido carcomido pelo tempo.

Lembrei-me de Catalão, as congadas, os tocadores de caixas, e o som forte do tambor aflorou novamente em meus tímpanos, devido a isso que escolhi estudar as Congadas de Catalão, que se realizam em homenagem à Nossa Senhora do Rosário.

Procurei encontrar um tema que me desse uma explicação, como os negros conseguiram um espaço para manter parte de sua cultura numa sociedade dominante.

Como o ethos cultural negro sobreviveu durante o período do cativo e esta presente até os dias de hoje?

E com isso ter uma melhor explicação, de que maneira Catalão ainda conserva essa cultura negra e em outras localidades do Estado, ou ela esta definhando ou desapareceu?

O meu trabalho esta dividido em quatro capítulos, o primeiro trabalho a história da cidade de Catalão e conseqüentemente a sua cultura e as congadas. No capítulo utilizo como base bibliográfica três autores, primeiramente Luís Palacin

Gomez, mais conhecido como padre Palacin, pessoa que praticamente resgatou a historiografia goiana. O segundo é o Rev. Eduardo Hoornaert, historiador que estuda a história da Igreja no Brasil, que me deu respaldo para entender como a Igreja agiu nos primórdios da colonização brasileira. Finalmente utilizo parte do trabalho de Barsanulfo Gomides Borges, que trabalha o desenvolvimento do sudoeste goiano a partir da chegada da Estrada de Ferro em Goiás.

No segundo capítulo trabalho a chegada das Irmandades no Brasil e o seu desdobramento nas Irmandades negras, existe uma farta bibliografia sobre o assunto, os autores mais utilizados foram novamente Hoornaert, Scarano e Salles que foram os pioneiros no estudo das Irmandades em Minas Gerais.

Para o terceiro capítulo o estudo foi direcionado para a inclusão do rei negro no Brasil, vários autores trabalharam este assunto, mas dei preferência à historiadora Souza, em função de seu trabalho de pesquisa feita em relação às Irmandades no Rio de Janeiro, tratando principalmente questão da festa de coroação do rei negro no Brasil.

O último capítulo, trabalhei as congadas na atualidade na cidade de Catalão, nele o autor utilizado foi Brandão, antropólogo que há mais de trinta anos estuda as congadas, não só a de Catalão, mas todas as manifestações de cunho religioso-popular.

Outros autores foram lidos e pesquisados, pois, esse trabalho está só se iniciando e espero venha num futuro não muito distante dar continuidade a essa pesquisa.

CAPÍTULO I

CATALÃO, SUA HISTÓRIA, SUA CULTURA E SUAS CONGADAS

O território goiano, começou a ser visitado pelos paulistas, a partir do fim do século XVI, que primeiramente estavam à procura de índios, para suprir a falta de mão-de-obra. A primeira bandeira que se tem notícia "a chegar em terras goianas foi a de Sebastião Marinho, em 1592, não havendo notícias de apresamento de índios".(Sales, 1992 p.54)

Apesar do conhecimento das terras goianas, datarem do século XVI, somente no século XVIII, que se vai incrementar o desenvolvimento de povoados, provocados pelas descobertas de suas primeiras minas auríferas. As descobertas vão provocar o deslocamento de faiscadores para a região, provocando um aumento

populacional, tanto de portugueses, aventureiros e de negros, para trabalharem na extração do metal precioso das minas.

Em função desse afluxo minerador e populacional, assim como várias outras, vai surgir a vila do Catalão, situada hoje no sudoeste do estado de Goiás.

A história do surgimento da cidade de Catalão, esta ligada à bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva (o filho), que seguindo a saga do pai "o Anhanguera", vai adentrar o sertão à procura de riquezas e de índios.

A história de Catalão apresenta três versões. a primeira é uma xerox encontrada na biblioteca da Fundação Cultural "Maria das Dores Campos" sem autor e data, mas como diz na capa "Para o Primeiro Grau", a segunda é de Luis Palacin, a terceira versão é proveniente de E-mail da própria cidade de Catalão.

A primeira versão:

"O capitão-mor Bartolomeu Bueno da Silva, filho de Anhanguera, pondo em execução o que ajustará com o Governador Rodrigo Cesar de Menezes, saiu de São Paulo a 3 de junho de 1722, à frente de numerosa comitiva, com destino à região em que se achavam localizados os índios goiases, com o objetivo de explorar riquezas então nela existentes e aprisionar índios. Cerca de 190 homens constituíam a bandeira. Dela faziam parte homens darmas, cavaleiros e frades. seu denodado chefe mostrava-se verdadeiramente otimista quanto ao êxito da árdua missão que lhe fora cometida. Ao certo, razões havia para tal confiança se abrigasse no peito o bravo bandeirante; pois fato e já háver realizado, em 1682, em companhia de seu pai, o Anhanguera, longa viagem, chegando até a taba dos goiases, era-lhe, sem dúvida, motivo de real estímulo. Pensava, assim conhecer perfeitamente os caminhos a percorrer. Enganou-se, porém, na sua persuasão: uma vez chegado ao território goiano, estorvos sem conta surgiram-lhe à frente; muitas vezes perdeu, errando ali e acolá, quase que inteiramente entregues à sorte o seu destino e o da bandeira que chefiava. Transposto o rio Paranaíba, nele abriu o porto Velho, atual porto do

Laláu; depois de haver deixado nas proximidades da margem direita do ribeirão Ouvidor um marco, assinalando a sua passagem, continuou sua penosa viagem através dos sertões goianos.(...) Grande como as de esses bandeirantes, projetava-se a figura varonil de um espanhol, natural da Catalunha; logo depois de atravessar o Paranaíba, não hesitou em abandonar a bandeira de Bartolomeu Bueno. Deixando-se ficar, fundou esta região, nela passando a residir, maravilhado, como ficara, com a uberdade privilegiada de seu solo, a opulência de sua multiforme vegetação e a excelência de seu clima. Em fins de julho de 1722 é que se deve ter dado a fundação de Catalão, há fatos que comprovam(...)".(apostila emitida pela Fundação Cultural Maria das Dores Campos)

A segunda versão de Palacin, onde citando Cornélio Ramos, ele relata:

"A cidade de Catalão deve ser fundada em fins de junho de 1722, por ocasião da passagem da bandeira de Bueno Filho, pelo Porto Velho, aberto pelos bandeirantes no rio Paranaíba, quando rumava para o interior goiano. Deixou ele como marco uma cruz de aroeira cravada nas proximidades do Ouvidor, na fazenda dos Cassados. Deixou também alguns integrantes da sua bandeira, para roçar e formar uma estalagem que servisse de ponto de apoio e referência aos exploradores, que posteriormente transitassem entre São Paulo e Goiás, acontecimento que deve ter dado origem à fundação da cidade, por um espanhol originário da Catalunha e apelidado por Catalão. Nome que passou para a vila, da vila para a cidade e que vem sendo conservado até agora".(Gomez, 1994, p. 20)

A terceira versão assim nos relata:

A origem histórica da cidade de Catalão passa atualmente por estudos visando descobrir realmente suas origens, pois existe uma corrente tradicional e outra que traz nova configuração sobre este ponto. Assim, tradicionalmente, Catalão originou-se da penetração das entradas e bandeiras, organizadas em comitivas compostas por homens de armas, cavaleiros e padres, que adentravam pelos sertões para a captura de

mão-de-obra indígena a ser escravizada e em busca de riquezas minerais. A penetração pelos sertões Goianos efetivou-se nas primeiras décadas do século XVIII, de onde se tinha notícia da existência dos índios GUAYAZ e de terras ricas em minérios, principalmente o ouro. E é assim que se inicia, em território Goiano, o extermínio físico e cultural do grande povo indígena. A bandeira comandada por Bartolomeu Bueno da Silva, filho de bandeirante cognominado pelos índios de "Anhanguera", atravessou o Rio Paranaíba, onde abriu o Porto Velho (atual Porto do Lalau), deixando um barco na margem direita do Ribeirão Ouidor, assinalando sua passagem e continuando sua viagem pelos sertões goianos. Nas imediações de Catalão, permaneceu um dos capelões da comitiva, Frei Antônio, espanhol natural da Catalunha apelidado de O CATALÃO que, juntamente com três companheiros, resolveu criar um ponto de pouso nas proximidades do Córrego do Almoço, tendo em vista a qualidade do solo e a amenidade do clima e, principalmente, a necessidade de reabastecer a bandeira quando do retorno. Dados históricos demonstram a probabilidade da existência do povoado de Catalão a partir de 1728, tendo figurado como ponto de passagem de todas as bandeiras que penetravam pelo sertão Goiano. Em 1736, para cumprimento de ordens reais, veio ao território goiano D. Antônio Luiz da Távora, Conde Sarzedas e Governador da Capitania de São Paulo, a qual o atual estado de GOIÁS pertencia. Assim por meio de registros da época, fica comprovada a existência do povoado de Catalão. A outra corrente de pesquisas recentes de investigações tece comentários a respeito da criação ou a origem do sítio urbano à partir da expansão das atividades agropecuárias dos mineiros a partir de 1800. Em 1828, este povoado contava com 5 (cinco) casas de telhas e 20 (vinte) ranchos de capim, já em 1833, o arraial é elevado à categoria de Vila, separando-se da Comarca de Santa Cruz. No período compreendido entre 1736 a 1835, pouco se sabe a respeito de Catalão, a não ser a existência de um pouso de Bandeirantes e da Fazenda do espanhol O CATALÃO, presumindo assim que a atividade humana era quase inexistente. Em 1850, abrangendo Ipameri e Corumbaíba, tornou-se Comarca com a denominação de Comarca do Rio Paranaíba, e em 19 de Julho de 1859, pela resolução nº 7 em seu artigo 1º, a Vila de Catalão, pertencente a Comarca do Rio Paranaíba, elevou-se à categoria de Cidade, conservando a mesma denominação. A Comarca do Rio Paranaíba passou a denominar-se Comarca de Catalão em 1938. Em 20 de Agosto de 1859, Catalão tornou-se cidade legalmente constituída. Porém isolada dos grandes centros de decisões da época em função da inexistência de

meios de transportes e comunicação, fez com que permanecesse por longo tempo num moroso processo de desenvolvimento. Catalão era constituída pelos distritos de Santo Antônio do Rio Verde, Ipameri, Corumbaíba, Goiandira, Ouvidor, Três Ranchos e Davinópolis. Atualmente, apenas Santo Antônio do Rio Verde, que se encontra numa zona agrícola altamente mecanizada, com boas vias de transportes, permanece como distrito deste município. Porém, cumpre ressaltar que, além do distrito acima referido, o município possui três povoados denominados Pires Belo, ao Norte junto a BR-050, Olhos D'água e Pedra Branca ao Sul do município próximos ao Rio Paranaíba".(logi@portalcatalao.)

Conforme é possível perceber nestas versões, a origem do povoamento se dará em função das condições geográficas as chuvas começam geralmente em outubro e encerrando-se em março, Catalão se acha a 47º, 58' de longitude Oeste e 18º,08' de latitude Sul, a 834m acima do mar, características básicas para o desenvolvimento da agricultura. Catalão goza de um clima saudável. Outro fator em função da sua situação geográfica é a, sua vocação para o comércio.

A sua localização privilegiada, ou seja, próxima a um porto fluvial, de onde seria mais fácil o escoamento de produtos que venha ser produzido na região. Também era entrada ou melhor uma passagem obrigatória a todas as pessoas que se interessavam em ir em direção ao interior, ou mesmo se instalando na região, além de ser uma região de terras férteis, com qualidade exuberante para a agricultura.

O outro fator, ligada ao comércio é a passagem das caravanas para o interior, a tendência era que se formaria em suas terras uma pequena vila como entreposto comercial. Essa explicação para o surgimento do povoado, se dá em função de estar na "estrada da província de São Paulo para Goiás, sobre o córrego

Almoço em Catalão"(Gomez, 1994, p.22), próximo ao porto Velho (hoje do Lalau), junto as margens do rio Paranaíba.

A terceira condição para o surgimento da cidade ligada à questão religiosa, é que no período compreendido do final do século XVII até meados do século XIX a religiosidade era muito forte, com isso qualquer localidade que surgisse, seria ai construída uma pequena capela, para que as pessoas da região pudesse louvar seus santos. E o fervor religioso, que segundo Hoornaert, "ele se situa dentro de um percurso que vai da pessoa ao santo. A pessoa, à procura do santo, encontra um sinal dele, por exemplo uma imagem, uma cruz, uma lembrança. Daí nasce o oratório, com a ermida em torno dele".(Hoornaert, 1992, p.383)

No caso de Catalão tem um fator de grande relevância para a questão religiosa, é uma citação de que o fundador da localidade seria um padre que pertencia à uma bandeira que pelo local passou.

É preciso ressaltar que as fronteiras de Goiás, alcançava a região do "Triângulo Mineiro, antigo, Sertão da Farinha Podre que, por força de um alvará real de 1816, ficou para Minas Gerais, desligando-se de Goiás"(Silva, 2001, p. 157), situação que não vai provocar mudanças em relação ao rigoroso controle desenvolvido por Portugal nas minas, e que alcança os sertões goianos, impondo um cristianismo "não formado por missionários que saíram de Portugal para evangelizar, mas antes por funcionários e comerciantes ligados à metrópole portuguesa, por simples transplante de cultura adaptada à situação colonial. O catolicismo mineiro é fundamentalmente colonialista".(Hoornaert, 1991, p.97)

Na grande maioria dos povoados surgidos, no período colonial, Catalão não vai se diferenciar muito, pois, se da "numa área de 3.300m de comprimento por 2000m de largura, doada por Antônio Manuel a Nossa Senhora Mãe de

Deus"(Gomez, 1994, p. 20), os moradores dessas fazendas, decidem fazer uma doação a um santo, a partir de então para que se construa uma capela, segundo Scarano "a construção de muitos templos foi efetuadas pelas Ordens Religiosas, pelos fiéis, reunidos ou não em Irmandades, mesmo por particulares". (Scarano, 1978, p. 14).consequentemente "surgem em torno da capela armazéns e vendas, é o que no interior é conhecido pelo nome expressivo de comércio; o início de um povoado, que com o tempo se transforma em arraial e depois numa cidade".(Gomez, 1994, p.21)

As chuvas começam geralmente em outubro e encerrando-se em março são consideradas próprias para o desenvolvimento da agricultura.

Catalão se acha a 47,58º de longitude Oeste e 18,08º de latitude Sul. Em virtude de sua esplendida situação, a 834m acima do nível do mar, goza de um clima saudável.

Esse processo de formação de povoados, apresentam uma grande diferenciação dos surgidos em função do garimpo. Enquanto os que surgiram com a garimpagem, entram em um processo de implosão com a diminuição aurífera, os outros povoados, que estão ligados principalmente à agricultura e a criação de gado, não padecerão da diminuição populacional e comercial.

A caracterização desse processo fica patente, quando localidades que durante o período aurífero apresentavam grande movimentação de pessoas e riquezas produzidas pela garimpagem, como Vila Boa, Pirenópolis, Crixás, Corumbá entre outras, foram definhando à medida em que se escasseava o precioso metal, já em outras localidades, onde a economia não se ancorava no ouro e sim em outras atividades, vão sentir mas não da maneira que às ligadas a mineração.

Em relação a região estudada, o que se pode notar é que a mesma não vai sofrer muito com a diminuição do garimpo, pois, sua economia se calcava na agricultura e pecuária, além de sua localização, próxima a um porto fluvial, o qual era passagem obrigatória para caravanas que se direcionavam para o interior do Estado.

No caso específico de Catalão, relata Gomez:

"duas constantes estruturais, que presidiram ao nascimento de Catalão e haveriam de impulsionar constantemente seu crescimento até os tempos da estrada de ferro: a feracidade das terras e a localização da nova povoação principal via de comunicação da província". Ao mesmo tempo, indicou também uma variante conjuntural, que se fazia sentir com grande força de um e outro lado do Paranaíba, desde as últimas décadas do século anterior é a imigração dos chamados geralistas, agricultores e criadores provenientes das Minas Gerais." (...) os geralistas de Catalão apostavam no futuro: criando o arraial em 1820, em 1823 já tinha sido elevado à condição de capela curada -- capela com sacerdote permanente -- o mesmo que Bonfim pertencente ao mesmo julgado e surgido com a mineração sessenta anos antes. E, em 1834, era instalada a vila -- município -- independentizando-se de Santa Cruz e, no ano seguinte, paróquia".(Gomez, 1994, p.22-/4)

O crescimento do lugarejo é visível, a rapidez em que se transforma de um simples povoado até receber a honrosa denominação de cidade em 1859, invertendo-se os papéis com "Santa Cruz, que passava a ser juridicamente dependente".(Gomez, 1994, p.31)

Do final do século XIX, até o início do século XX, a economia de Catalão continua se predominantemente agrícola, com uma produção quase que voltada exclusivamente para a subsistência, mas o pequeno excedente é comercializado com o Triângulo Mineiro, é um comércio parco, pois, o meio de transporte ainda é o carro de boi.

A maior comercialização que se dá na região é com o gado bovino, que auto se transporta, mas as longas viagens, vai fazer com que o emagrecimento seja um dos maiores causadores de prejuízo para os criadores.

Todavia, a região se beneficia com este comércio, mantendo um pequeno desenvolvimento, porém maior que as outras regiões do estado. Porém, nas primeiras décadas do século XX, a situação do Sudeste goiano, vai conhecer um surto de desenvolvimento até então nunca visto com a inserção da região no roteiro da construção da estrada de ferro.

Segundo Borges:

"a afirmação de que no começo do século acelerou-se a inserção da economia regional nos quadros da produção capitalista, não se refere apenas à sua subordinação às relações mercantis ou comerciais a nível nacional, nas quais parte desta economia já se encontrava inserida desde o século XVIII. Mais do que isto, as primeiras décadas deste século foram marcadas por mudanças econômicas significativas no Estado, tendo início a transformação de toda a estrutura de produção agrícola. Com as transformações econômicas no Centro-Sul e a penetração da ferrovia, os meios de transporte se desenvolveram, a economia regional em bases capitalistas. Na região da Estrada de Ferro, a produção agrícola de subsistência foi praticamente eliminada e a agricultura se especializou atendendo a necessidade do mercado consumidor Centro-Sul".(Borges, 1990, p. 89)

A mudança ocorrida na região, vai fazer com que os produtores, tanto na agricultura como na pecuária, procurem se adequar no novo contexto. Os pecuaristas, com essa injeção de progresso, procurarão desenvolver uma melhora no seu plantel "para isso concorreram a seleção de melhores raças com a importação de reprodutores (...) a melhoria das condições sanitárias"(Borges, 1990,

p. 90), os agricultores é que irão proporcionar transformações mais substanciais "de uma atividade secundária ou subsidiária da economia pecuarista, ao longo do século XIX e início deste, com a chegada dos trilhos entrou num processo de franca modernização"(Borges, 1990, p. 92). Esse fator modernizante vai levar os agricultores ao lado da pecuária, a "se organizar em bases capitalistas, principalmente a cultura do arroz".(Borges, 1990, p. 92)

O cavalo de aço, ao penetrar no Sudeste goiano, vai fazer que com "os produtos que antes apodreciam nas roças por falta de transporte eficiente, com a ferrovia começaram a ser largamente exportados"(Borges, 1990, p. 92), o endereço é a região "Centro-Sul", do Brasil, onde um ávido mercado consome os produtos da região.

Segundo Borges:

"além da rizicultura, desenvolveram-se (...) outras culturas, sobressaindo, entre elas, a do milho e a da cana-de-açúcar. A produção de milho desenvolveu-se tanto quanto a de arroz mas, ao contrário desta que era largamente exportada, o milho era consumido, na sua maior parte, na própria região. Com a implantação de charqueadas e as facilidades de exportação advindas com a ferrovia, a criação de suínos se desenvolveu consideravelmente. Os porcos que não eram abatidos nas charqueadas locais, bem como a banha e o toucinho, tinham no mercado de Araguari comprador certo".(Borges, 1990 p. 93)

Pois, é em Araguari, cidade mineira, que se encontrava "um entreposto comercial de Goiás". (Borges, 1990, p.60)

A ferrovia como fator modernizante promoverá nas "cidades goianas servidas pela linha se reurbanizaram e passaram a contar com as modernas invenções do mundo capitalista, como a energia elétrica, o cinema, o telefone e o

telégrafo"(Borges, 1990, p. 102), toda esta mudança na região, se dava em função de se "ajustar as estruturas aos padrões da sociedade burguesa"(Idem, p. 103).

No caso específico de:

"Catalão, da mesma forma que Ipameri, se modernizou. Em 1920, a cidade contava com um projeto de iluminação pública e de rede de esgoto. Era o principal produtor de charque do Estado, contando com três charqueadas e outras industrias como as de couro, beneficiamento de arroz, de banha etc. (Borges, 1990, p. 105)

A febre do progresso não vai se dar somente na região dos trilhos, mas vai acompanhando as frentes de trabalho, provocando transformações, com isso inserindo as regiões do estado no mundo capitalista "com maior ou menor intensidade os efeitos [vão] alterando assim seus aspectos físicos e culturais [também] a arquitetura, a urbanização e a implantação de serviços de infraestrutura" (Borges, 1990, p. 106).

1.1 Catalão nos dias atuais.

Ao longo do século XX, a região da estrada de ferro vai conhecer o progresso e também a decadência, principalmente, a partir da década de 60, com o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do sistema rodoviário.

A cidade de Catalão, esta ligada a capital do estado, Goiânia pela BR 352, e a Brasília pela BR 050, que vem do Triângulo Mineiro devido a isso liga Catalão a outras cidades importantes do País.

Catalão, por sua localização privilegiada, não vai sofrer profundas dificuldades em função das mudanças ocorridas durante o desenrolar do século XX, essa afirmação é proveniente da sua situação geográfica, e também é servida por uma malha rodoviária e ferroviária, que abastece a cidade, facilita a exportação de produtos produzidos no município e provenientes de outras regiões do estado, fazendo desse intercâmbio um dos principais fatores da manutenção de seu desenvolvimento.

Apoiado em dados colhidos junto à Secretária Municipal de Comércio Indústria e Turismo, órgão da Prefeitura Municipal de Catalão, hoje o município apresenta-se com as seguintes características:

O comércio é significativo, contando com pequenas, médias e grandes empresas, várias agências de carros nacionais e importados, inúmeras confecções, uma boa rede hoteleira, casas de produtos agropecuários, materiais de construção, oficinas, lojas variadas, supermercados e madeiras.

Saúde: setor que se tornou destaque para todo o país. Com 3 hospitais que se utilizam de aparelhos de alta tecnologia e médicos especializados em diversas áreas, oferece um total de 352 leitos. Conta também com 3 pronto-socorros atendendo 24h, 18 postos de saúde, sendo que 3 deles na zona rural, várias clínicas particulares de olhos, fisioterapia, consultórios odontológicos e laboratórios.

Na educação: Área bastante desenvolvida. O sistema de ensino está distribuído em 18 escolas estaduais, 22 municipais e várias particulares, que oferecem 15.760 vagas para o ensino fundamental e 4.660 vagas para o ensino médio. Possui ainda 7 pré-escolas que oferecem 630 vagas, 1 escola técnico-agrícola com 120 vagas mantida pelo município, 2 faculdades: a Universidade

Federal de Goiás (campus avançado) com os cursos de Letras, Pedagogia, História, Geografia, Educação Física, Matemática e Ciências da Computação e o CESUC (Centro de Ensino Superior de Catalão), com os cursos de Administração, Direito e Pedagogia. Tem também vários núcleos de apoio como o SESI, SESC, SENAC, SENAI, SENAR e SEBRAE.

A cultura é amparada pela Fundação Cultural "Maria das Dores Campos", que ministra cursos de instrumentos musicais, técnicas vocais, dança, pintura, oficina de teatro, curso de verão, promove eventos destacando a questão cultural do município.

Em relação ao esporte e lazer, Catalão está muito bem servida, possuindo uma infra-estrutura moderna, que atende as necessidades da população e favorece a sua atuação nas diversas modalidades esportivas. São mais de 50 quadras, 1 ginásio poli-esportivo com capacidade para 6000 pessoas, vários clubes sociais.

Na área de comunicação possui 2 emissoras de rádio, 1 AM e 1 FM, 2 agências de Correios e um sistema de telefone. Uma geradora de imagens da Rede Globo de Televisão, a TV Pirapitinga. Recebendo ainda os sinais da TV Brasil Central, TV Cultura, TV Serra Dourada e da Bandeirante. Catalão tem uma satisfatória rede bancária, onde se encontram os seguintes Bancos; do Brasil, de Goiás, HSBC, Bamerindus, Mercantil do Brasil, Itaú, do Povo e uma agência da Caixa Econômica Federal.

A agricultura e a pecuária no município de Catalão sempre ocupou um lugar de expressão na economia do Estado, destacando-se o cultivo do milho, soja, feijão, arroz, batatinha e o trigo. Ocupa o primeiro lugar na produção de alho e mandioca e o quarto na produção de trigo no Estado.

Sua pecuária é bastante expressiva, com predomínio do rebanho bovino destinado ao corte e a produção de leite, como também rebanhos de eqüinos, suínos e avícolas.

Dados, emitidos pela Prefeitura Municipal de Catalão

Produção da pecuária, avicultura e suinocultura - 2000

Produtos	1998	1999	2000
Aves (cab)	326000	27620	378350
Bovinos (cab)	131450	141200	13500
Produção de leite (1.000)	22092	27360	28404
Produção de ovos (1.000 dz)	217	222	227
Suínos (cab)	11700	12520	13100
Vacas ordenhadas (cab)	26300	28500	26300

Produção Agrícola - 2000

Produtos	Área (há)	Produção (t)
	500	2250
Arroz (em casca)	1200	2160
Banana	40	800
Cana-de-açúcar	250	10000
Feijão (em grão)	1700	3464
Laranja	300	3000
Mandioca	500	7500
Milho (em grão)	11900	72480

Soja	48000	129000
Sorgo	1430	4290

No município se destaca empresas de grande porte nos setores de confecção, laticínios e metalurgia. Um Distrito Mineral Industrial DIMIC, com empresas nos ramos de industrialização mineral, beneficiamento e armazenamento de grãos , cerâmica, automotivo, entre outros.

Na região de Catalão, o estado de Goiás possui um grande polo minero-químico com reservas de Fosfato, Nióbio, Titânio, Vermiculita, Terras Raras, Argilas e Gibbsita, já em fase de pesquisa e exploração por indústrias extrativas.

O município esta ligado por estradas asfaltadas as principais capitais do Brasil, fazendo assim com que a região seja bem servida tanto por uma malha rodoviária quanto ferroviária, esta última ligada ao Sistema de Transporte Ferroviário do Corredor Ferroviário Leste-Oeste, interligando a cidade aos principais portos do país.

Possui um aeroporto com pista de pouso de 1400m, asfaltada e iluminada, de apoio para aviões de pequeno e médio porte.

O município de Catalão vem apresentando o seguinte crescimento demográfico:

População			
Ano	População	Urbana	Rural
1991	54525 hab	47152 hab	7272 hab
1996	58507 hab	51822 hab	6685 hab
2000	64347 hab	57606 hab	6741 hab

Desse universo apresenta:

Branços	Negros	Pardos	Índios
23346	6741	18478	165

1.2 As Festividades Populares de Catalão

A história da origem das festividades em Catalão em material emitido pela Fundação Cultural "Maria das Dores Campos"¹, relata que:

"Por volta de 1820, chegaram a Vila do Catalão os escravos semi-libertos, para o trabalho nas lavouras de café. Primeiramente na fazenda Santo Antônio dos Casados, hoje município de Ouidor, depois em outros locais. A trajetória percorrida por estes escravos começa em Vila Rica de Ouro Preto, passando por São Domingos (hoje Araxá), depois Paracatu, Santo Antônio do Rio Verde (Goiás), chegando até a Vila do Catalão. Este caminho até a Vila de Paracatu foi comandada pelo Barão de Catas Pretas e depois pelo seu filho Lourenço. A vinda para a Vila do Catalão, a história não registra de quem foi o comando, mas sabe-se que até Paracatu o trabalho era a procura de ouro".(mat. dat, sem data.)

Relatos colhidos entre os componentes de um dos terno mais antigo o "Terno de Congo Preggo", e em material da pesquisadora Maria de Lourdes Netto Campos relata como se iniciou as festividades em devoção a Nossa Senhora do Rosário em Catalão:

¹ Fundada em 1983, com o nome de Casa da Cultura, posteriormente passa a se chamar Fundação Cultural "Maria das Dores Campos", cuida do patrimônio cultural do município, organiza festividades e ainda promove cursos de música, danças, coral, pinturas e desenho. Entidade mantida pela Prefeitura Municipal de Catalão.

"Por volta de 1830, Emerenciana Netto Carneiro Leão, nascida na Freguesia de Santo Antônio da Manga, hoje Paracatu, casou-se com Manoel Pereira de Cerqueira e vieram residir, nesta cidade de Catalão, onde Emerenciana ganhara boa parte da Sesmaria do Ribeirão. A família teve três filhos: João, Maria e Pedro. Devotos de Nossa Senhora do Rosário prometeram que, se aqui fossem felizes, ergueriam uma igreja em louvor a esta santa. A promessa começou a ser cumprida, primeiro com a fundação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário². Apesar de não precisarmos a data de sua criação, podemos afirmar que foi anterior a 1860, pois já em 18 de maio de 1863, Emerenciana deixa em seu testamento, redigido pelo então vigário padre Luiz Antônio da Costa: "declaro que para todas as obras da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, deixou, a quantia de vinte mil réis que se entregará ao respectivo tesoureiro". Emerenciana e seu filho João de Cerqueira Netto iniciaram e se empenharam como maiores doadores na realização da promessa, construindo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje Velha Matriz, ajudados por parentes e amigos que se revezavam na diretoria da Irmandade. Já construída, em 1876, precisamente no dia 28 de julho, deu-se início da permuta da então Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pela antiga matriz que naquela ocasião se chamava Nossa Senhora Madre de Dios e se localiza onde hoje é o BEG³ permuta esta encabeçada pelo tenente Coronel João de Cerqueira Netto que exercia na época o cargo de provedor da Irmandade. A permuta foi feita com a condição única e verbal de se fazer anualmente, ali, a novena em louvor a Nossa Senhora do Rosário. A princípio, a festa era feita somente por pessoas ligadas à irmandade, as quais arcavam com a total despesa da mesma. João de Cerqueira Netto querendo aprimorar este culto, enviou agregados seus a Araxá com a finalidade de aprender o cerimonial da congada, e trazê-lo para as festas de Catalão. Assim foi que, ancestrais das famílias de Sinhá Merença, da Amélia, do Geraldo(Prego), do Gabriel e da Nega, famílias estas, até hoje as maiores responsáveis pela perpetuação das nossas congadas. Trouxeram naquela época, os rituais dos ternos dos Moçambiques e dos Congos de Araxá para Catalão"(Campos, 1976, p. 56)

² Não se encontrou documentos que venha esclarecer se a Irmandade criada, como parte de uma promessa é de brancos ou negros. Sabe-se, que as pessoas citadas no texto são negras. Devido a esse fato acredita-se que seja uma Irmandade de negros.

³ O antigo BEG, hoje Banco Itaú, se localiza na rua Juca Cândido, S/Nº, centro de Catalão.

Como se deu em todas as Irmandades no Brasil, do período colonial, a de Catalão, não vai fugir a regra, ou seja, o único local onde os negros tinham espaço para se socializar e o mais importante, local de apoio para sua manifestação religiosa.

Como historiador, vou procurar entender a construção do ethos cultural negro na cidade de Catalão, através das Congadas, que é uma festividade em que se dá coroação do rei de Congo e se homenageia Nossa Senhora do Rosário, mantida pela Irmandade.

As festividades em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Catalão, principalmente a partir de setembro, mês que inicia os ensaios, promove uma verdadeira transformação no comportamento de seus moradores, pois, monta-se uma verdadeira indústria para que a festa se realize. Estes festejos em Catalão nos remete ao conceito durkheimiano, da **consciência coletiva**, pois, uma multidão participa de celebração festiva, sem discriminação social, cor, religião ou poder econômico, há unanimidade para que as congadas, catupés cacundas, vilões e moçambique, derramem nas ruas, sua alegria e sua religiosidade.

Quando Durkheim propõem uma discussão sobre a consciência coletiva, dizendo que ela é "o conjunto das crenças dos sentimentos comuns à média dos membros de uma sociedade [que] forma um sistema determinado, que tem vida."(Aron, 1995, p. 300), ou seja, a consciência coletiva é um sistema que rege as idéias culturais, morais, e as normas do mundo social.

A força dessa consciência coletiva, vai depender de como ela vai agir na sociedade. Para distinguir melhor essas sociedades, Durkheim, desenvolve os conceitos de "solidariedade mecânica" e "solidariedade orgânica", a explicação destes dois conceitos é que vai melhor caracterizar a consciência coletiva.

Para Durkheim a solidariedade mecânica é quando:

"os indivíduos de um clã são, por assim dizer, intercambiáveis. O resultado, (...) é que o indivíduo não vem, historicamente, em primeiro lugar. A tomada de consciência da individualidade decorre do próprio desenvolvimento histórico. Nas sociedades primitivas, cada indivíduo é o que são os outros; na consciência de cada um predominam, em número e intensidade, os sentimentos comuns a todos, os sentimentos coletivos".(Aron, 1995, p. 298)

Já a solidariedade orgânica apresenta a seguinte característica:

"é aquela em que o consenso, isto é, a unidade coerente da coletividade, resulta de uma diferenciação, ou se exprime por seu intermédio. Os indivíduos não se assemelham, são diferentes. E, de certo modo, são diferentes porque o consenso se realiza. (...) baseada na diferenciação dos indivíduos, por analogia com os órgãos de um ser vivo, cada um dos quais exerce uma função própria; embora os órgãos não se pareçam uns com os outros, todos são igualmente indispensáveis à vida". (Aron, 1995, p. 297)

Catalão, ontem apresentava-se com uma sociedade escravocrata, de segmentos sociais distintos e contraditórios; hoje apresenta-se como um dos principais pólos industriais de Goiás, também com segmentos sociais contraditórios; em função desta situação como se deu historicamente, através da consciência coletiva, a construção de um ethos cultural negro na cidade de Catalão através das Congadas?

Na visão de Geertz, "o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, o estilo moral e estético e sua disposição (...) que a vida reflete"(Geertz, 1989, p. 143) é o ethos de uma comunidade. E a comunidade negra que hoje habita o município de

Catalão, e que dança as congadas, na sua grande maioria são descendentes dos escravos, que vieram para trabalhar nas minas e posteriormente nas plantações de cana-de-açúcar, que durante longo tempo só foram qualificados para trabalhos braçais, desenvolveram sua visão de mundo que é " seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade"(Geertz, 1989, p.144), que os negros constróem, ao se realizarem as danças das Congadas.

Pelo que notou durante a pesquisa, os festejos em Catalão, é um dos principais eventos populares do Estado, pois, envolve a comunidade entre o mês de fevereiro e vai até o mês de novembro, devido aos preparativos que são feitos para atender aproximadamente 50 mil pessoas que para lá deslocam principalmente nos três últimos dias de festividades.

Esse contingente populacional que é encontrado em Catalão durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário, é proveniente das mais diversas regiões do Brasil, inclusive encontra-se pessoas vindos de países que fazem fronteira com nosso País.

Dentre eles são encontrados pessoas que estão na festa simplesmente a passeio, outras com suas barracas que vendem os mais variados objetos, comida e bebidas, outras pagando promessas, algumas fazendo penitência. Dentre elas encontramos velhos, jovens, crianças, se vê pessoas de posse, trabalhadores braçais, donas de casa, médicos, fazendeiros, esmoles, e todas elas participando dos festejos, mas vivendo dentro de seu próprio mundo.

Outro fato a se destacar em Catalão, durante os festejos, é a comunidade negra da cidade, que na sua grande maioria é formada de pessoas humildes, ou seja de trabalhadores braçais, que na realidade recebe por diárias, nos vários setores produtivos do município, mas que se apresentam com as suas melhores

roupas, fazendo questão de participar, quando não membro de um terno de Congo, em todas as comemorações inerentes à homenagem de seus santos protetores.

Há uma verdadeira corrida da zona rural em direção ao setor urbano, ocupando principalmente quartos de pensões e casas de parentes ou amigos na cidade, para que isso possa acontecer, se faz uma economia de seu parco salário durante todo o ano, pois o fiel de Nossa Senhor do Rosário e São Benedito, não mede sacrifícios para que no mês de outubro esteja novamente na presença de seus oragos protetores.

Em função do sucesso que tem alcançando as festividades das Congadas, realizadas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e que são realizadas na segunda semana de outubro do município de Catalão, com todo o seu simbolismo religioso-popular, as autoridades locais e estaduais vem promovendo junto aos órgãos de imprensa, campanhas de promoção da festa, que esta se tornando conhecida nacionalmente.

Fez-se necessário uma abordagem histórica, de Catalão de sua cultura e as suas congadas, para melhor nos situarmos no contexto das festividades que se desenvolvem em homenagem à coroação de um rei negro.

Relação que existe entre a cidade e as festividades.

	Irmadade	Congadas	Multidão
Cidade de Catalão	Entidade ligada à Igreja local de congregação dos irmãos, patrocina os festejos em homenagem a Nossa Senhora do rosário	Grupos de dançadores e tocadores, que com suas danças e cantos, festejam a coroação do rei negro	Pessoas da própria cidade, visitantes, romeiros, comerciantes pagadores de promessa, um contingente de aproximadamente 50.000 pessoas

CAPÍTULO II

AS IRMANDADES NEGRAS NO BRASIL

As terras brasileiras são ocupadas sob o signo da Cruz, ou seja além de fazer parte do desenvolvimento mercantilista português, esta incluído dentro dessa contexto, a recuperação do espaço perdido pela Reforma, que acontecia na Europa. Era preciso conquistar terras, e com isso catequizar os povos conquistados. Nesse intuito, como dissemos antes a África, passou por este processo, agora seria os moradores das terras da colônia, os gentios

Essa situação fica bem clara quando segundo Hoornaert descreve:

"é por demais conhecido o fato de que toda a empresa marítima portuguesa foi expressa pelos contemporâneos em linguagem religiosa e, mais ainda, missionária. Os contemporâneos nos dão a impressão de

que, para eles, o maior acontecimento depois da criação do mundo, excetuando-se a encarnação e morte de Jesus, foi a descoberta das Índias. Portugal entrou de maneira decisiva nos planos salvíficos de Deus, que, depois de diversas tentativas mal sucedidas, lhe confiou a missão de estabelecer o seu Reino neste mundo".(Hoornaert, 1992, p. 23)

Essa prerrogativa portuguesa não vai ser amplamente satisfeita nas terras brasileiras a serem colonizadas, pois, vai esbarrar nas grandes distâncias existentes na nova terra. O número de representantes eclesiásticos não vai ser o suficiente para desenvolver ampla catequese, devido a esse fato o que se vai ver é um cristianismo não tão ortodoxo como na Metrópole.

É esse cristianismo que os negros:

"ao serem capturados na África e transportados para o Brasil, eles eram automaticamente obrigados a tornarem-se cristãos, recebendo o batismo já nos portos de embarcação na África ou logo ao chegarem às terras brasileiras. O cristianismo, ou melhor, o catolicismo, era a religião oficial e não havia outra possibilidade fora a de tornar-se cristão"(Vasconcelos, 2002, p. 156)

A obrigatoriedade do batismo dos negros escravos estavam resguardadas numa legislação do império Português, "as Ordenações Filipinas(1603), exigiam que todos os senhores batizassem seus escravos africanos com mais de dez anos de idade no máximo em seis meses, e os que tivessem menos de dez anos no máximo em mês após a compra, caso contrário a Coroa os confiscava"(Schwartz, 2001, p. 268), mas no imenso universo da escravatura nem sempre a obrigatoriedade era cumprida.

A inobservância desta legislação vai possibilitar ao negro a utilização de prerrogativas para continuarem a utilizar partes remanescentes de sua religião ancestral.

Essa situação fica mais clara quando se observa a situação dos representantes eclesiásticos, dentro do processo de evangelização no período colonial, nas palavras de Hoornaert:

"no sertão, numerosos clérigos apenas sabiam o essencial para a administração dos ritos da fé católica. Muitos viviam completamente alheios a qualquer atualização eclesiástica, conservando apenas o pouco que haviam aprendido na época da recepção das ordens sagradas".(Hoornaert, 1992, p. 183)

O início da colonização se dá através da instalação de engenhos de cana-de-açúcar, principalmente no Nordeste, para onde eram encaminhados os negros escravos. Nesse mundo criado pela casa grande e a senzala, o papel do clérigo era o de dar respaldo aos ditames do proprietário, a celebração das festas e dos encontros familiares nos dias santos e no domingo.

Devido a essa situação "portugueses, africanos e ameríndios que conviveram no pequeno mundo do engenho, rodeado de canaviais, podiam dar livre expansão às suas tradições religiosas, sem interferência de uma legislação clerical que proibisse.(Hoornaert, 1992, p. 81)

Graças a essa possibilidade "as expressões de cultura africana ficaram preservadas nos engenhos e o rigorismo das prescrições canônicas a respeito de superstição, magia, animismo e cultura popular em geral não afetava a vida nos engenhos, o que preservou a cultura de seu total esmagamento".(idem, p. 79)

Situação bem diferente vai acontecer com o catolicismo que é praticado nas minas, pois, a proibição da convivência de clérigos junto às minas, provoca o desenvolvimento de um catolicismo mineiro, rústico, de ermitões, de Irmandades. O domínio do catolicismo português em terras brasileiras estava ligado ao padroado⁴ em função desta situação, juntamente com a falta de clérigos, o catolicismo rústico brasileiro vai ser dominado em suas varias instancias pelos leigos que:

"participaram ativamente na construção das igrejas, nos atos do culto e na promoção de devoções. Duas foram as formas típicas de participação dos leigos catolicismo tradicional: uma participação coletiva através das confrarias, em uma participação individual exercendo o ofício de eremitas".(idem, ibidem, p. 234)

É também a visão de Boschi, quando ele coloca que "não foram os religiosos de ofício os responsáveis pela implantação da fé, mas sim os leigos - senhores e escravos -- indiferentemente de sua condição social".(Boschi, 1986, p. 24)

Essa modalidade de agregação religiosa "tanto as irmandades como as ordens terceiras são de origem medieval⁵" no caso específico das terras brasileiras, essas agremiações vão aflorar com maior destaque a partir do século XVII, nos arraiais e vilas das regiões mineiras, ou seja quando inicia-se o desenvolvimento de urbanização apesar que a mineração se dava acompanhando o filão aurífero. Vale salientar que na bibliografia pesquisada não se encontra referências, sobre a criação

⁴ ...uma forma típica de compromisso entre a Igreja de Roma e o governo de Portugal. Unindo aos direitos políticos de realeza os títulos de grão-mestre de ordens religiosas, os monarcas portugueses passaram a exercer ao mesmo tempo o governo civil e religioso, principalmente nas colônias e domínios de Portugal. Hoornaert, 1992, p.163

⁵ Hoornaert, 1992, p. 234.

de irmandades, no período que vai dos meados do século XVI até o início do século XVII, ou seja o período de apogeu da cana-de-açúcar.

2.1 As Irmandades nas regiões das minas.

Porém o século XVIII, principalmente nas regiões aurífera, tem-se relatado a presença das Irmandades, por que é de "conhecimento geral que o reino proibiu, em 1711, a entrada de religiosos em Minas Gerais e convidou os jesuítas que já tinham entre 1717 e 1721 uma residência a sair", o mesmo aconteceu nas outras regiões de mineração, como em "Cuiabá (1719, Goiás (1725)".(Hoornaert, 1992, p. 92)

A característica básica das Irmandades é a forte participação de leigos, onde os mesmo se "responsabilizavam e promovem a parte devocional, sem necessidade de estímulo dos clérigos. Com freqüência a promoção do culto e a organização da confraria (Irmandade) se deve totalmente à iniciativa leiga"(Hoornaert, 1992, p.235)

Neste período, segundo Hoornaert, a religião "foi realizada segundo as circunstâncias típicas de uma cultura formada em torno do engenho ou da fazenda: o engenho se tornou sagrado, o senhor também..."(Hoornaert, 1992, p. 74) onde tanto o proprietário do engenho tinha seus santos padroeiros, e os negros também, a diferença entre os oragos de brancos e negros era justamente a cor, para os colocar no seu devido lugar, ou seja o da submissão.

Segundo Fraginals:

"a religião católica, em seus moldes rígidos, não penetrou no engenho. Mas seus santos podiam ser entrevistados nos pátios dos engenhos quando, reunia a escravaria, rebentava o furor contido dos tambores. Agrupados em um único e aniquilador trabalho, homens das mais diversas culturas, juntos por fatalidade histórica mas com diferentes idiomas, concepções religiosas, expressões musicais e, todos, com o mesmo terror e a mesma ânsia de libertação, o pátio do engenho foi como um templo demoníaco onde se iniciava uma nova crença: a religião com deuses brancos e deuses negros, com rezas católicas ao compasso dos tambores. Muito mais tarde a cidade daria forma definitiva a esse sincretismo. Mas lá estavam eles desafogando a dor contida, voltando a si mesmo e renascendo".(Fraginalls, 1987, p. 158)

A representação do domínio estava ligado à casa grande que:

"venerava Nossa Senhora da Conceição, imagem da mãe branca cuidadosa e compreensiva; Sant'ana, a vovó que mimava os meninos; São José, o bom esposo; Santo Antônio, que procurava objetos perdidos, arranjava namoros. Estes santos exprimiam em linguagem religiosa a necessária coesão que devia reinar na família da casa grande, para sustentar o patrimônio e manter a ordem entre os escravos.(...) A devoção aos santos na senzala se dirige de preferência a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia."(Hoornaert, 1991, p. 81-2)

O culto à Nossa Senhora do Rosário pelos escravos está ligado à: "ocupação da África pelos portugueses e foi levada ao Congo pelos missionários dominicanos que introduziram a irmandade de Nossa Senhora do Rosário no ano de 1570. Esta devoção veio ao Brasil pelos navios negreiros"(Hoornaert, 1992, p. 348).

Já a devoção de São Benedito⁶ segundo Bastide:

"... morto em 1589, imediatamente depois de sua morte passa por taumaturgo e, por causa de sua cor, torna-se logo o protetor dos negros(embora seu culto permaneça à margem do catolicismo ortodoxo; não foi senão autorizado pela Igreja posteriormente, em 1743; sua canonização data de 1807)e Santa Ifigênia pelos escravos.(Bastide, 1989, p. 163)

Em relação ao culto de Santa Ifigênia (ou Efigênia conforme alguns autores), esta ligado ao domínio territorial segundo relata Soares:

"Até o século XV, as atividades econômicas mais significativas estão associadas às caravanas, que chegam a transportar 700 camelos. Nesse circuito, a costa ocidental é atingida por três grande rotas terrestres: uma vai até Safim, outra até Arguim e uma terceira até Cantor. Essas terras ficam situadas no mar exterior, motivo pelo qual, de acordo com a cartografia renascentista, seguindo-se pela costa da Guiné de oeste para leste, chegar-se-ia à Etiópia Oriental, território de reinos cristãos de onde provêm Santo Elesbão⁷ (Etiópia) e Santa Efigênia (Núbia)".(Soares, 2000, p. 40)

Acompanhando o ritmo das descobertas dos veios auríferos no território brasileiro, a religiosidade também vai-se modificando, pois, enquanto no período dos engenhos, os poucos clérigos que existiam, estavam a serviço do senhor do engenho, nas minas a sua presença não era bem vista pela coroa, inclusive com a

⁶ ...São Benedito da Sicília, um mouro que morreu em 1859 e foi canonizado em 1743. Por causa da cor, São Benedito é preferido pelos negros, pardos e mulatos de todas as colônias católicas, um santo por vontade popular como eram os santos medievais(...). Hoornaert, 1992, p.82

⁷ Soares cita a existência de uma irmandade de santo Elesbão, no Rio de Janeiro, que se localiza na Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia no atual nº 219 da rua da Alfândega. p. 15

proibição de instalação das ordens eclesiástica próximo as minas, tudo isso por que "o governo julgava ser muito maior a possibilidade de um membro de Ordem Religiosa fazer contrabando, pois, possuindo casas em diversos pontos do Brasil e no exterior, tinha facilidade de contatos podendo enviar ouro ou diamante para fora das Gerais"(Scarano, 1978, p.17)

Como elemento catalisador neste mundo de incertezas e solidão das minas e "sob a sombra das capelas e com essa perspectiva associacionista que os primeiros mineiros se aglutinaram para instituir suas irmandades".(Boschi, 1986, p.22)

Essas entidades leigas, provenientes de Portugal que se espalham por todo o "Império Ultramarino, o Brasil inclusive"(Reis, 1991, p. 49) e vão refletir "os diversos momentos e contextos históricos nos quais se inserem"(Boschi, 1986, p. 12). Essas entidades denominadas de Confrarias⁸ primeiramente ligadas as corporações de ofício, mas que:

"os assuntos profissionais não contavam como preocupação primeira. Em seu interior, o espírito cristão que inspira a ereção das Misericórdias cedia lugar a preocupação temporais e terrenas. Nessa medida (...) as irmandades, enquanto entidades coletivas traziam em seu bojo acentuado individualismo, isto é, podiam ser entendidas também como centro catalisador de individualidades atemorizadas pela morte e pela doença e ávidas por um espaço político. Para essas associações convergiam todas espécies de sentimentos e aspirações. As relações comunitárias faziam-se na medida exata da identificação entre os que dela participavam. Simultaneamente, integravam os indivíduos e liberavam seus anseios de libertação, passando assim, a ser também o canal de manifestação de seus membros, o veículo de suas queixas, palco de suas discussões. Isto se dá particularmente, em relação às

⁸ Irmandade; associação para fins religiosos; conjunto das pessoas da mesma categoria ou profissional. (Bueno, 1986, p. 287)

irmandades de negros, únicas instituições nas quais o homem de cor podia exercer, dentro da legalidade certas atividades que pairavam de sua condição (...) onde esquecida a sua situação de escravo podia viver como ser humano"(Boschi, 1986, p.14)

É no interior deste universo, que o negro dos minas vai formar uma identidade cultural. Segundo Cuche "a identidade é uma construção que se elabora em relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato"(Cuche, 1999, p. 182), nesta situação de contato e de oposição entre negros e brancos, ficará demarcado o espaço de confronto, que segundo Brandão, "por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos"(Brandão, 1986,p. 42) o negro se vê neste universo, onde dar-se-a uma aparente aceitação dos valores imposta pelos dominantes, mas que aos poucos o negro, ira impondo a força de seus valores culturais, e isso acontece quando passa a fazer parte das Irmandades.

As entidades vindas da Metrópole, vão se instalar sob a sombra das pequenas capelas das vilas que ocupam a faixa do litoral, e posteriormente com a incursão para o sertão brasileiro à procura de gentios e de metais e pedras preciosas, essas entidades se instalarão, ao longo do território aurífero mineiro, goiano e mato-grossense. O início do período de mineração na colônia, segundo Matoso, foi com "a descoberta das jazidas auríferas e diamantíferas nas terras do interior do Brasil, notadamente nas Minas Gerais (...) aquilo que os historiadores costumam de chamar o ciclo do ouro da economia brasileira se inicia em 1693"(Matoso, 2001, p.57). Esse acontecimento provoca um grande afluxo humano em direção às minas.

Para o trabalho de exploração nas minas, a mão-de-obra era a do escravo. Essa mão-de-obra, inicialmente vai ser deslocada, principalmente das zonas canavieiras, pois esse ramo da economia começa apresentar declínio, devido à entrada do açúcar produzido nas Antilhas no mercado europeu.

A mudança provocada pelo deslocamento da mão-de-obra, vai provocar mudanças também no relacionamento, entre proprietários e negros, pois, é nas minas que o negro vai dar uma maior vazão à sua religiosidade, é nas minas que se inicia o aparecimento das primeiras vilas, devido a isso o surgimento de Irmandades, e o fortalecimento do papel religioso do negro.

Com a instalação populacional nas minas, inicia-se a construção, embora precária as vilas mineiras, e "quando se fundava um arraial, cabia geralmente à Irmandade do Santíssimo Sacramento a construção da primeira igreja ou capela, origem da futura matriz"(Scarano, 1978, p. 30).

Segundo Salles:

"A Irmandade ou Confraria do Santíssimo Sacramento originou-se da idéia de se organizar ampla divulgação em torno do mistério do sacramento da eucaristia, um dos mais importante dogmas da simbologia litúrgica do catolicismo. Trata-se da transformação do pão e vinho na própria carne e no sangue de Deus. Em 1264, o papa Urbano IV estabeleceu a festa de Santíssimo Sacramento, originando-se daí as confrarias e irmandades que tinham como finalidade comemorar o dia da eucaristia(...)"(Salles, 1963, p. 29)

A Irmandade do Santíssimo sacramento na metrópole portuguesa, estava ligada aos homens de bens, ou seja, a elite dirigente, na colônia "é natural que

esses homens mais categorizados do local, ligados muitas vezes à administração, ocupassem o altar principal"(Scarano, 1978, p. 30).

As construções das igrejas que serão realizadas neste período, todas elas estarão a cargo das Irmandades, sua construção ira respeitar a hierarquização social, ou seja um movimento "dialético entre a cultura central e a cultura periférica"(Hoornaert, 1992, p. 292), e é na sua estrutura interna, que essa diferenciação ficara clara.

Toda a igreja esta voltada para o altar principal à sua frente, que representa todo o poder, separado dos demais, local dos organizadores do culto, local do altar do santo padroeiro principal. Segundo Hoornaert, a nave central era o local designado às mulheres, que deveriam ficar agachadas ou em posição de joelhos, e num plano mais elevado, que seria nas laterais, era o local designado aos homens bons, representantes da elite local, e deveriam ficar de pé, posição que impunha sobre os demais, mulheres e escravos.

Como foi dito anteriormente, a solução encontrada foi a importação do negro africano, em detrimento a essa situação o "negro, [que] ao contrário do branco, era arrancado à força de sua terra, transportado para um novo habitat, integrado numa nova sociedade que não era a sua e onde se encontrava numa posição de subordinação econômica e social"(Bastide, 1989, p.64), "reduzidos ao cativo, escravos de um mesmo grupo étnico conseguem reunir-se e estabelecer alguns critérios de endogamia e convivência, reelaborando antigas formas de sociabilidade, desmanteladas no momento do tráfico, e combinando-as com outras, adquiridas no dia-a-dia da colônia(Soares, 2001, p.119), o negro ao chegar nas minas, já apresentam um certo desenvolvimento religioso, ou seja, aquela adquirida principalmente nos engenhos, em função dessa situação irão dar início ao processo

de criação de suas próprias irmandades, pois, "são uma das poucas formas de associação permitidas aos pretos pelo Estado português. Por outro lado, do ponto de vista da Igreja, (...) elas são o espaço possível para a doutrinação coletiva e o incentivo às obrigações sacramentais..."(Soares, 2001, p. 166).

Diferentemente da posição assumida pela Igreja em relação ao gentio, o negro não vai ter tantos defensores, e sim pessoas da própria Igreja defendendo sua escravização, como podemos ver no texto abaixo:

"A escravização negra é um meio de salvação, uma entrada no reino de Deus. Há uma escravidão maior do que a do corpo: a da alma. A salvação está na cruz, no rosário da mãe de Deus, na fé em Jesus. Servindo ao seu senhor aqui na terra, o cativo receberá o prêmio do céu. Estas afirmações são confirmadas por textos bíblicos: Col 3, 22-24; Ef 6, 5-9; Pdr 2, 18-21; Lc 12, 37. Já me persuado sem dúvida que o cativo da primeira transmigração (da África para o Brasil) é ordenado por sua misericórdia para a liberdade da segunda no céu"(Hoornaert, 1991, p.35)

Esse discurso faz parte das pregações do padre Antônio Vieira, defendendo a necessidade de se escravizar o negro, para o seu próprio bem e salvação, discurso esse que não se via em relação ao gentio.

Na esteira do sistema escravista, nas regiões das minas, o surgimento das Irmandades vão proporcionar ao negro um sistema de vida católica e social, ou seja o único espaço real de convívio para se expressar a sua espiritualidade.

Ao se amalgamarem em torno de seus santos protetores, nas irmandades os negros estavam sujeitos aos

"compromissos [que] estabeleciam a condição social ou racial exigida dos sócios, seus deveres e direitos. Entre os deveres estavam o bom

comportamento e a devoção católica, o pagamento de anuidades, a participação nas cerimônias civis e religiosas da irmandade. Em troca, os irmãos tinham direito à assistência médica e jurídica, ao socorro em momento de crise financeira, em alguns casos ajuda para a compra de alforria e, muito especialmente, direito a enterro decente para si e membros da família, com acompanhamento de irmãos e irmãs de confraria, e sepultamento na capela da irmandade."(Reis, 1991, p.50)

Para melhor explicar como se dava a inserção do negro nas irmandades, vale a pena transcrever o que diz Salles:

"Cada irmão pagava de entrada oitava e meia de ouro e meia oitava de anual. Quanto à posição social dos irmãos afirma o compromisso: Toda pessoa preta, ou branca, de hum, e outro sexo, forro ou cativo, de qualquer nasção que seja, que quizer ser Irmão desta Irmandade irá a meza, ou a casa do Escrivão da Irmandade pedir lhe faça assento de Irmão o qual o Escrivão lhe fará termo ou assento no livro para isso haverá destinado. Na mesma página e ainda citando um trecho do mesmo estatuto, lê-se: Haverá nesta Irmandade, hu Rey e hua Raynha ambos pretos de qualr. nassão q. sejão, os quais serão eleitos todos os annos em meza a mais voto. O rei e a rainha davam dezesseis oitavas de ouro de esmola. Eram as Rosários as únicas irmandades que elegiam anualmente rei e rainha" (Sales, 1963, p. 45)

As Irmandades mineiras, da mesma maneira que se detinha na elaboração de meios para a afirmação de uma vida religiosa vai se ocupar também "de papéis originalmente destinados ao Estado, tais como a construção de templos e cemitérios, promoviam um importante espaço de convívio social"(Figueiredo, 1993, p. 154), completando essa visão Salles relata:

"Além dos afazeres profissionais, toda a população tinha nas cerimônias do culto sua ocupação predileta. A religião era divertimento, através das grandes festividades que se multiplicavam o ano todo, graças às

Irmandades; a religião era também convívio, nas palestras pelos adros das capelas antes e depois da cerimônia."(Salles, 1983, p. 118)

Quando da vinda dos negros para o Brasil, devido aos vários locais de captura e embarque, a profusão de etnias é muito grande, e um dos papéis das Irmandades é justamente "proteger e melhorar a sorte de seus membros (...) o interesse coletivo os levava uma ação conjunta ligando etnias inimigas em suas terras de origem"(Scarano, 1978, p.149), conjuntamente às questões étnicas sociais, as Irmandades vai:

"incorporando às crenças católicas, tentando solucionar problemas tais como o da morte, preocupação das religiões africanas e do catolicismo, criou-se um amálgama mais profunda entre a religião do branco e as do homem de cor(...) desses, o mais importante e conhecido será o da coroação do rei do Congo, como se diz comumente. A própria conservação de reis, rainhas e toda uma corte demonstra de manter alguma coisa da terra de origem."(Scarano, 1978, p.150-1)

A história das Irmandades, até agora desenvolvida, baseia-se em estudos feitos em uma bibliografia, onde os autores desenvolvem seus estudos sobre as Irmandades da região das Minas Gerais, como já foi relatado antes, há uma carência de documentos que tratem das Irmandades goianas, devido a esse fato recorro a materiais colhidos durante minha pesquisa de campo.

Segundo Edson Democh, desde: "1876, já existia a Irmandade do Rosário(por exigência do governo português, não podia haver manifestação religiosa sem autorização das Irmandades), isso vem confirmar que a festa já existia anterior aquela data".(doc. dat. sem data)

A obrigatoriedade das Irmandades apresentarem autorizações, para festejarem seus santos, advém do processo de romanização, pela qual a Igreja no Brasil vai passar no final do século XIX. A romanização, foi uma tentativa da Igreja de Roma, se impor nos mais recônditos lugares, promovendo mudanças no clero, sacralizando os cultos, segundo Silva: "a disposição em cristianizar a sociedade, os cultos, as festas, os olhares, os sorrisos"(Silva, 2001, p. 208) e tentando desestimular principalmente os festejos tidos como "festas populares", mas as Congadas já era uma tradição religiosa, que vai transpor a romanização.

Todavia as Congadas, festejos em homenagem à coroação de seu rei, os negros "mesmo que afinado com as culturas européia e indígena, esse grupo não abria mão, todavia, de suas próprias raízes e utilizava a festa católica e branca para falar de suas tradições que tinham emigrado junto com ele da África"(DelPriore, 1994, p.80), deixa bem claro que, não havia proibição que os fizesse esquecer suas raízes, suas tradições, seus valores culturais, que sempre existiu e vai existir na figura do Rei de Congo e de santos pretos.

CAPÍTULO III

O REI NEGRO NO BRASIL

Cabe ressaltar que a coroação do rei negro, vai ficar conhecido como "Rei de Congo", essa denominação que até hoje é usada nas mais diversas regiões brasileiras, é devido ao processo de colonização desenvolvido por Portugal na África ter-se iniciado justamente pela foz do rio Zaire no reino do Congo na África Centro-Occidental, onde também vai se dar o processo de cristianização do continente africano.

A visão mercantilista portuguesa, que se iniciou no século XV em "direção à África, depois ao Oriente e à América, esteve intimamente ligada ao espírito

missionário" e também "associado à fundação do reino legitimador do poder real" ou seja "o desbravamento de mundos desconhecidos, o estabelecimento de rotas comerciais e a propagação da fé cristã".(Souza, 2002, p.39)

Dentro deste espírito dominador, as forças portuguesas irão aportar primeiramente sob o comando de "Diogo Cão, na foz do rio Zaire em 1483".(Souza,) Esse primeiro contato se faz com um dos mais destacados membros da dinastia congoleza, "o mani Soyo, chefe da localidade na qual aportara, o Congo"(Souza, 2002, p.45)

O contato inicial se dá em clima de amistosidade, e segundo Souza: "o contato com o reino distante, feito pela mediação dos enviados portugueses e dos congolezes [...] aumentou o prestígio do mani Congo entre seu povo".(Souza, 2002, p. 52)

Essa disposição que passa existir entre os dois reinos vai levar à troca de enviados entre Portugal e o reino do Congo, tanto que "durante todo o ano de 1490, os enviados do rei do Congo permaneceram em Portugal, aprendendo o português, os princípios do catolicismo"(Souza, p. 53), fato que levará a "conversão dos reis congolezes ao cristianismo em 1491".(Souza, 2002, p.48)

A partir da conversão dos reis congolezes ao catolicismo, inicia-se o processo de divulgação do catolicismo em todo o reino do mani Congo, essa conversão é facilitada pois segundo Souza "os congolezes se converteram porque receberam revelações na tradição africana que combinava com a tradição cristã, e a conversão foi admitida [...] porque aceitaram as revelações como válidas".(Souza, 2002, p. 67) A situação da conversão que vai existir entre os congolezes não representa a verdadeira realidade, pois, como relata MacGaffey e Thornton, apud Souza(2002, p. 63) o acontecia era um "diálogo de surdos".

Nos primeiros anos de contato entre portugueses e africanos, desenvolve-se um cristianismo de estilo africanizado, pois, os "missionários cristãos viam sua religião, e as populações congolenses a sua forma tradicional".(Souza, 2002, p. 63), para a população negra, o que de fato existia era uma releitura de suas mitologias e símbolos, que à primeira vista principalmente para os missionários tinham alcançado seus objetivos, ou seja tinham implantado a conversão dos negros africanos. Soares(2000, p.49), também levanta essa questão da conversão dos negros africanos, onde através da aceitação da religião cristã pelo rei, ficaria mais fácil a conversão do restante da população, e que "apesar do esforço missionário, a conversão dos reis do Congo não termina sem percalços".

Para Souza, a dificuldade da conversão se dá, em função de os negros africanos, num primeiro momento aceitarem mas posteriormente se rebelarem contra os ensinamentos cristãos, não aceitando a religião cristã. Já Soares vê que a dificuldade da disseminação do cristianismo no continente africano se deu em função de que a Igreja naquele momento não tinha um quadro de agentes grande o suficiente para cobrir suas necessidades.

Essa situação fica bem clara, pois "a conversão foi dada como fato pelos missionários e pela Santa Sé, assim como a população e os líderes religiosos locais[...]"(Souza, 2002, p. 77), fato esse que irá refletir nas populações escravizadas, que foram enviadas para as várias colônias portuguesas espalhadas pelo mundo.

O que fica explícito é que o reino português, apesar de cristão e de usar o cristianismo como fator de expansão, não vai se interessar na conversão dos povos conquistados.

O grande interesse dos portugueses junto aos povos conquistados era, o de redução, ou melhor, transformar os bárbaros incapazes para o trabalho em povos salvos na fé, e conseqüentemente em trabalhadores que iram produzir riquezas, para manter a faustuosidade da corte.

Acima do interesse da conversão dos congolezes, outros fatores levavam a coroa portuguesa implementar seus contatos na região da África Ocidental, ou seja, produtos exóticos que faziam sucesso no reino, além desses produtos e do ouro, um outro produto tinha grande valor no comércio do reino, que seria o negro escravo.

O negro escravizado na África Ocidental, era proveniente da expansão dos reinos ai existentes, principalmente o reino do Congo. A escravização se dava com as conquistas territoriais. Os portugueses, usando a religião como fator de domínio, vão conseguir seus intentos, ou seja, o "tráfico de escravos, negócio que se tornaria altamente lucrativo e imprescindível para o bom funcionamento das colônias portuguesas nas ilhas do Atlântico e posteriormente na América". (Souza, 2002, p. 99)

O governo português, vai se beneficiar do comércio dos produtos proveniente da África Negra e as Índias até que, outros países, também passam a incrementar seu potencial comercial, é quando "o português foi banido das Índias Orientais é que se volta para a América"(Bastide, 1989, p.47). Enquanto o estado espanhol, na sua incursão colonizadora, também na América, encontrava metais preciosos, o estado português, deparava com um imenso território, mas que à primeira vista não seria tão pródigo com as riquezas minerais.

Apesar das tentativas usadas pelo governo português, para incrementar a colonização nas terras da América, é somente com o aumento do consumo de

açúcar na Europa, que os vazios vão aos poucos sendo ocupados pela monocultura da cana-de-açúcar.

Desde os primeiros contatos dos portugueses com as costas africanas, que inicia a partir do século XV, se dá a importação de mão-de-obra para satisfazer a falta de braços para o trabalho, em Portugal, então "bastava, pois transportar este costume da metrópole ao Brasil e fazer trabalhar nas plantações que aí se iam instalar"(Bastide, p. 1989, 48), e isso se dava em função de que "a monocultura forçava ao latifúndio e este por sua vez reclamava a escravidão"(Bastide, 1989, p. 49).

Segundo Bastide, a "escravidão ia destruir-lhe a comunidade africana aldeã ou tribal, sua organização política, as formas de vida familiar, impedindo a subsistência das estruturas sociais nativas"(Bastide, 1989, p. 64), e tudo isso se soma também a destruição de seu sistema religioso, que se baseava no culto dos ancestrais.

Ora, a situação dos negros ainda na África se apresentava como uma formação caótica, pois, como relata Souza:

"pessoas oriundas de diferentes aldeias passavam a conviver, partilhando os mesmos sofrimentos, freqüentemente atadas umas às outras, trocando experiências e solidariedade.(...) Falantes de várias línguas, os indivíduos aprendiam como se comunicar entre si, encontrando similaridades entre as falas e costumes específicos, e ensinando as diferenças uns aos outros. (...) Sempre havia pessoas capazes de unir em torno de si o grupo, traçar identidades, organizar as relações, propor a reprodução de padrões culturais, tornando-se líderes da comunidade.(...) Assim, imersas em múltiplos conflitos, elaboraram formas de organização social que incorporaram contribuições africanas... Os africanos, etnicamente heterogêneos e com suas estruturas sociais esfaqueadas pelo tráfico, só se tornaram comunidades e começaram a

partilhar uma cultura no Novo Mundo quando eles próprios a criaram, a partir das novas condições de vida. (...) Assim, tiveram que reorganizar e criar as instituições que respondessem às necessidades da vida cotidiana, sob as limitadas condições impostas pela escravidão".(Souza, 2002, p.147,9,52)

A palavra *malungo*; de origem africana, significa "companheiro de navio ou de viagem", vai esclarecer que os negros ao serem trazidos para as Américas, mesmo sendo de regiões, línguas, religiões diferentes vão ao longo da viagem desenvolver um certo tipo de camaradagem, como comenta Schwartz:

"...aqueles que tinham viajado no mesmo navio e especificar o reconhecimento de um elo de parentesco. Esses laços étnicos e culturais gerados pela vivência comum e pela condição de escravidão, às vezes eram incorporados às instituições e às associações da sociedade brasileira. Havia congregações religiosas, como as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, espalhadas por todo o Brasil, e elas representavam um dos meios de associação e expressão cultural acessíveis aos negros"(Schwartz, 2001, p. 268)

Na mesma linha de visão, Soares(2000, p. 116) declara que a situação do negro africano ao chegar nas novas terras "tem à sua frente uma infinidade de possibilidades de reorganização, e não aquelas previamente definidas em suas sociedades tribais", dentro dessa perspectiva a situação do negro no cativo é que vai definir a sua situação em relação aos "critérios de filiação", com isso reorganizar sua vida social e religiosa.

A reorganização feita em função de uma nova situação no Novo Mundo pelos negros, vai abranger toda sua vida social inclusive a questão religiosa, pois, a preocupação da Igreja Católica era de catequiza-los, mas essa obrigação a priori era

de obrigação do proprietário como relata Mira, "Pe. Jorge Benici tenta incutir nos senhores a obrigação que eles tinham de educar seus escravos na religião católica"(Schwartz, 2001, p. 109), mas esses pouco se importavam com este detalhe, pois, segundo Soares os negros só poderiam ser batizados quando estivessem dominando a língua portuguesa, para responder as perguntas feitas pelo ato do batismo. Fato esse que na maioria dos casos não era cumprido pelo o proprietário.

Essa reorganização social cultural dos negros no Brasil, passa obrigatoriamente pelas Irmandades, pois, o sinal de ter sido transformado em cristão era o batismo, e ser cristão era pertencer a uma associação religiosa que "estava reservada aos que ingressaram na comunidade cristã por intermédio do rito do batismo"(Idem), mesmo se submetendo a essa situação os negros, transformarão as Irmandades no espaço africano no Brasil.

Nesse mundo de adversidades, a formação social que a princípio é baseada na interação étnica e se tem como pano de fundo a religião, os negros se adequarão a essa nova situação usando os meios possíveis e disponíveis na sociedade colonial, essa conduta usada pelos negros de interação étnica-religiosa é que se costuma denominar de sincretismo.

O sincretismo na visão de Souza se dá a partir "da adaptação, ocorrendo quando, os traços culturais originais e estrangeiros se combinam tão intimamente que o resultado era um todo cultural novo, produto de uma relação harmônica entre as partes".(Souza, 2002, p.150), pois, as terríveis condições encontradas no cativeiro, vai colocar o negro em uma situação, que somente a partir da reconstrução de uma nova sociedade com os meios disponíveis encontrados no

cativeiro, é que eles se tornaram de fato uma comunidade, e esse meio encontrado é as Irmandades.

Para Brandão(1977, p. 39), sincretismo, denomina a identidade social, e se dá quando é proveniente de "um processo duplo de adscrição de valores e significados etnicamente diferenciados, atribuídos pelos sujeitos de um grupo a si próprio e aos membros de outros grupo integrantes de um mesmo contato", cremos que o sincretismo desenvolvido pelos negros, principalmente em relação à religião, ou seja uma adequação de seus cultos, usando o espaço permitido pelo cristianismo, para a partir desse espaço festejar seus ancestrais na coroação de seu rei, homenageando figura de santo cristão.

A coroação do rei de Congo, é o resultado de uma festividade criada durante o período colonial, que por meio da qual os negros se organizaram em comunidades, pois, "mesmo quando chegavam diretamente da África, os escravos iam se tornando menos estrangeiros e mais brasileiros, no Brasil eram integrados a instituição (como a festa de rei negro)"(Souza, 2002, p. 266). Dentro deste processo os negros das mais variadas etnias, começam a ceder, e " os elementos africanos remetiam a sentimentos comuns a todos, entre os quais estava a identificação com o reino do Congo cristianizado"(Souza, 2002, p. 266).

É evidente que a fusão encontrada na coroação do rei de Congo com as festividades que faziam para celebrar tal ato "os negros estavam construindo uma identidade que sem dúvida era católica, mas remetia às origens africanas deste catolicismo"(Souza, 2002, p.268). Essa identidade religiosa que foi criada a partir da fusão, de elementos africanos com o catolicismo, deixa bem claro a recuperação da africanidade sob os auspício do catolicismo.

E é justamente no único espaço encontrado para construir suas simbologias, (a Irmandade) que o negro desenvolve o que denominamos hoje de sincretismo.

O tema sobre o sincretismo é assunto de diversos estudiosos, que tem suscitado uma grande polêmica em torno do tema. Para uma melhor explicação dentro do trabalho, ora elaborado, o tema sobre o sincretismo a ser usado é o desenvolvido por Ferreti:

"o sincretismo pode ser interpretado como estratégia de adaptação à sociedade preconceituosa, que se pretende branca. Para evitar conflitos a religião africana foi relacionada com práticas do catolicismo popular e de outras procedências, difundidas nas camadas médias e superior. Estas práticas foram incorporadas, e hoje fazem parte da religião do grupo. Os aspectos africanos são, contudo, considerados essenciais e fazem parte das obrigações mais importantes, dos mistérios, do segredo, do que não pode deixar de ser feito sem acarretar conseqüências graves".(Ferreti, 1995, p. 219)

A artimanha usada pelos negros para a reelaboração de suas práticas sociais e religiosas vão estar fundamentalmente ligadas à "figura do rei, que, apesar de não exercer poder efetivo sobre os súditos, simbolizava uma união".(Souza, 2002, p. 154)

União essa, que significava celebrar mãe África, mesmo que distante, mas usando a posse de outros elementos, e dentro desse novo contexto criando uma identidade cultural social religiosa, que vai ser a marca de sua independência, mesmo que sob a dominação de uma outra cultura, que lhe é imposta verticalmente.

O monopólio da Igreja Católica, sobre a sociedade tanto de brancos e de negros vai fazer com que

"as instituições criadas pelos escravos assumiram suas formas conforme parâmetros desse monopólio, mas separadas das instituições dos senhores. As relações sociais nas quais os indivíduos se inscreviam no mundo americano foram determinantes, mas as bagagens cultural que traziam também modelou as feições das novas comunidades. As eleições de reis negros e festas que celebravam estas eleições, criadas a partir do encontro entre culturas africanas e a cultura ibérica, e aceitas pelos senhores e agentes administrativos, foram um dos meios encontrados por grupos de escravos, forros e negros livres de se organizarem em comunidades, de alguma forma integradas à sociedade escravista. Nelas estavam presentes tradições comuns a todo o mundo banto, eventos da história de alguns povos específicos que foram incorporados como símbolos de africanidade, e elementos da sociedade portuguesa, reinterpretados à moda dos africanos e seus descendentes". (Souza, 2002, p. 154/5)

Essa separação das entidades negras em relação às dos brancos é descrita por Escarano:

"os pretos chegando a Portugal, fundaram associações mais ou menos secretas, cada qual com seu rei próprio. É muito possível que assim sucedesse, mantendo-se com isso as suas tradições e seus costumes, mesclados a práticas católicas, de onde resultariam, em parte, festas tais como a do reisado. Impossibilitados de a manter as próprias, começaram por entrar em agremiações católicas, guardando, ao mesmo tempo, algo de seu. É nas confrarias do Rosário que irão conservar seus reis e rainhas, personagens esses que terão lugar de prestígio, aos quais se tributa homenagem e respeito, e que ocupam posição de realce sobretudo durante as festividades e comemorações. (...) Esses reis negros, apesar de se vestirem à maneira dos brancos, dançam suas próprias danças, cantam suas canções de mistura com as letras da oração. Importante é notar como o relevo dado a esses reis, que não se manifestava apenas por ocasião das festas, mas durava o ano todo, se impunha indistintamente a negros de qualquer nação. Irá contribuir eficazmente tal fato para favorecer a união entre as raças tão diferentes,

uma vez que pessoas de qualquer origem, desde que pretas, podiam ascender à realeza".(Scarano, 1978, p. 45)

Esse costume dos negros em pertencer a uma entidade religiosa primeiramente em conjunto com os brancos que se inicia em Portugal por volta dos "meados do século XV, [e] organizando-se a seguir em irmandades próprias no começo do século XVI"(Souza, 2002, p.162), vai ser trazido para o outro lado do Atlântico, e "ao construir novas instituições a partir da diáspora"(Souza, 2002, p. 172), a manutenção cultural africana, baseia-se principalmente na coroação de seus reis, onde;

"diretamente associado às festas, nas quais os elementos africanos ganhavam evidência, o rei (...) remetia a uma herança cultural dos ancestrais. (...) a eleição de reis negros, mesmo forjada no contexto da dominação colonial, servia de elo entre a comunidade negra e um passado idealizado, ligado a uma terra natal desprovida de particularidades concretas, vivida como lugar abstrato, portador de características gerais e distantes das realidades diferenciadas de cada região".(Souza, 2002, p. 194)

É nesta dimensão simbólica que o negro vai reinventar o seu culto "unindo os santos católicos aos seus, as tradições e crenças dos brancos às suas (...) desenvolver suas tendências místicas e associativas, dar vazão ao seu sentimento religioso social. (Scarano, 1978, p. 112)

Alem de outras irmandades de santos negros, a de Nossa Senhora do Rosário, de acordo com Arthur Ramos apud Boschi (1986, p. 157) "no próprio Congo já havia essas confrarias negras com o santo de sua proteção, introduzido pelas catequeses dos missionários portugueses: Nossa Senhora do Rosário, é que mais vai se destacar no âmbito das irmandades dos homens negros, é nela que as

festividades de coroação do Rei de Congo, vai se popularizar no Brasil, nesse contexto:

"a eleição de reis negros por comunidades africanas (...) pode ser considerada como um elemento da cultura forjada durante os primórdios do contato entre europeus e africanos de diferentes origens, numa situação na qual o grupo dominante de origem européia detinha o monopólio do poder, o que, no entanto não impediu que o material cultural trazido pelos africanos contribuísse para a construção das instituições formadoras de sua vida social, mantendo coerência com as culturas de origem e alguma autonomia no âmbito da dominação. Assim, foi a força simbólica e a capacidade de arregimentação de um rei ou chefe que fizeram as associações étnicas organizadas ao seu redor serem adotadas pelos diferentes grupos, em lugares diversos".(Souza, 2002, p. 173)

3.1 A chegada do rei negro no sertão de Goiás.

Vale ressaltar que a coroação do rei negro, não acontecia somente através das Irmandades, pois, existem relatos da coroação de reis negros juntos aos quilombolas, e no caso específico do estado de Goiás. Karasch(1996, p. 252) deixa bem claro essa situação quando nos fala de alguns quilombos que existiam na região do rio das Mortes, quando algumas autoridades "capturaram alguns negros os castigaram. Era nessa data comandado por um rei, um negro atrevido chamado o Bateiro"

Através desse relato e tantos outros, podemos crer que a coroação de um rei negro pela comunidade escrava, a liberta e a fugitiva, caracterizava a necessidade de os negros manterem vivas suas bases culturais, dentro da grande mistura interétnica resultante da escravidão.

Todo o cerimonial que envolve a eleição e a coroação do Rei de Congo, nas festividades promovidas pelas Irmandade em homenagem a seus oragos, em todo o Brasil, é revestido de rituais e simbolismo que a primeira vista se apresentam como uma festa popular mas que no seu interior nos remete a uma época distante, que ainda guarda as representações de um ritual que:

"assim como os reis europeus legitimavam sua posição por serem representantes de Deus, os reis africanos [hoje representados pelos Reis de Congo] mantinham estreita ligação com as forças sobrenaturais e com os mortos, fonte da sabedoria e da harmonia. Em ambas as culturas, objetos específicos simbolizavam essa ligação, e a legitimação do poder envolvia ritos nos quais participavam o chefe religioso a população, que aclamava a entronização do rei".(Souza, 2002, p. 93)

Os rituais são expressões que desempenham um papel central na auto-afirmação do indivíduo ou do grupo, que sentem-se comprometidos com a parte simbólica que se desenrola na coletividade.

Essas práticas promovem uma força, que é o seu sentido, porque proporciona aos atores sociais a se redefinirem e se afirmarem como grupos sociais ou comunidades, quando atuam juntos para a execução destas festividades.

Como explica Riviere (1997, p.10), o papel do rito:

"Conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas com base corporal, de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para seus assistentes, condutas estas fundamentadas numa adesão mental muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, cuja eficácia não depende de uma lógica puramente

empírica que se esgotaria na instrumentalidade de técnica da ligação entre causa e efeito".(Riviere, 1997, p. 10)

Brandão que estuda as Congadas de Catalão há mais de trinta anos, nos relata a facilidade em que tem um congadeiro de explicar os ritos que acontecem nos festejos das congadas, de uma maneira bem simples ele relata que os festejos é composto de asteamento da bandeira na praça da igreja, isso acontece no sábado, a missa festiva de domingo, quando os ternos saem vestidos a caráter, tem o cortejo com os andores de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, a coroa a família real, juntamente com os festeiros, esse cortejo festivo é a congada. Na parte da tarde, os ternos vão novamente se reunindo na porta da igreja para a procissão que percorre parte da cidade. Na segunda-feira último dia da festa, acontece a entrega da coroa ao novo festeiro, e a despedidas dos ternos de congadeiros, pedindo aos santos protetores saúde para que no próximo anos todos possam estar juntos novamente.

Diferentemente de outros lugares, pois, as festividades das congadas, é encontrada em vários relatos, e sua existência, se a partir dos meados do século XVII, em diferentes regiões do Brasil, Cascudo(2001, p. 72/110/149) especifica as festas na Ilha de Ítamaraca, em Sabará e em Morro Velho, em Goiás, as festividades das congadas é encontrada em três cidades, que surgiram durante o período colonial, Goiás, Pirenópolis, Jaraguá Corumbá e Catalão.

Das três localidades, somente a cidade de Catalão é que ainda mantém todo o vigor das festividades. Na cidade de Goiás, antiga Capital, as congadas esta praticamente descaracterizada, as suas saídas não acontecem periodicamente, e um fato extremamente desagradável que se constata é o desaparecimento das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito.

Em Pirenópolis, as festividades foram incorporadas aos festejos do Divino Espírito Santo, com festejos muito empobrecidos, o mesmo se constata em Jaraguá e Corumbá.

Diferentemente dos fatos citados acima, em Catalão, como nos relata Brandão(1987, p. 215), "a festa de Nossa Senhora do Rosário foi criada por negros e pertence a eles", só isso já diferenciaria os festejos de Catalão das demais, mas outro fator também retrata bem a situação dos festejos em Catalão, "...ainda hoje a presença de negros e mulatos na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, reinado e nos ternos acompanhantes. São negros o rei e a rainha do congo (ou da Irmandade) e os detentores de outros postos de comando interno dividem-se entre uma maioria de negros e mulatos."(Brandão, 1987, p.216)

É necessário constatar que é fundamental a presença do rito, e seria um erro pensar que possa haver uma manifestação socio-religiosa, que seja totalmente interior, sem que haja sinais externos, provenientes do estado de espírito interior.

E é na ritualidade da coroação do rei negro nos festejos das Congadas de Catalão que se constata a forte presença da cultura negra, ou seja a manutenção de "traços (...) originais de um ritual implantado [que mantém] extraordinariamente conservado: há reis perpétuos que (...) são homenageados com demonstrações de deferência; há um cortejo solene com todo o acompanhamento de uma guarda de congos e moçambiques, (...) grupos de catupé e vilões"(Brandão, 1987, p.218).

Essa confirmação nos é dada por Brandão(1985), ao entrevistar um membro de um terno de Congo em Catalão "aqui tem uma diretoria completa. Esses manda em nós. Tem o rei e a rainha. É o rei coroado. Nós não entregamos coroa sem o rei e a rainha", ou seja, mesmo havendo uma ambigüidade em relação à figura do rei ele ainda mantém uma importância no desenrolar das festividades.

A importância da figura do rei na congada de Catalão, a pesar dos pesares, vem constatar que a cultura negra africana ainda é presente como nos relata Souza(2002)

" a importância da corte e seus rituais para evidenciar aos olhos de todos o poder e as qualidades régias não era característica eminentemente ibérica ou européia. Quando os portugueses entraram em contato com o reino do Congo a partir de 1483, encontraram uma organização política com significativo grau de centralização e uma corte estruturada ao redor do rei".(Souza, 2002, p.37)

Toda essa organização descrita por Souza(2002), podemos perceber na estrutura dos festejos em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, promovidos pela Irmandade do mesmo nome na cidade de Catalão.

Essa afirmação se dá em função de um fato peculiar na festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão, onde a figura do rei ao ser coroado, ele mantém seu séquito, sua hereditariedade, tal qual acontecia na corte do reinado congolês, no período da colonização. Pois ao aceitar a religião cristã. E aceitando-a soube tirar proveito para a construção de uma identidade social e religiosa num mundo completamente adverso ao seu, onde ele viu ser quebrado toda a sua estrutura familiar e religiosa. O papel do negro em relação à religião cristã não foi de confrontação, mais do que isso ele " não tardou em se apropriar do mundo religioso que o catolicismo branco lhe oferecia, lendo-o à luz de seu ethos. Foi exatamente isto o que aconteceu com alguns santos e instituições católicas, como as Irmandades." (Mira, 1983, p. 110)

Enseridos numa sociedade regida pela desigualdade, é nas Irmandades, que o negro vai "aprender a pensar a diferença, misturando os seus nomes e lógicas

com os que são imposta pelo poder do outro, procuram restabelecer os termos da peculiaridade de seu próprio mundo"(Brandão, 1986, p.145), construindo através do ritual da coroação do Rei de Congo, a sua identidade cultural.

Tanto em Catalão, como em várias localidades brasileiras onde ainda hoje se comemora a coroação do rei de Congo, através dos festejos das congadas, pode-se sentir a forte presença da cultura africana, presentes nas tradições sociais e religiosas deixadas pelos negros escravos.

CAPITULO IV

AS CONGADAS DE CATALÃO NA ATUALIDADE

Se encontram num passado distante a idéia de uma Irmandade voltada para o comando das festividades em homenagem a Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão, os tempos hoje são outros.

Parafraseando Brandão, "para a pessoa católica do campo o difícil é não ter fé"(2001, p. 25), é assim que pode se ver o interior das festividades das Congadas de Catalão, festividades iniciadas no século XIX e que revive até os dias de hoje a coroação de seu rei negro.

4.1 A Família Real.

Diferentemente de outras localidades onde se festejam as Congadas e a coroação do rei de Congo, no caso de Catalão a família real é hereditária e perpétua, é composta por um rei e uma rainha negros.

O que se nota hoje é que a figura da família real e seu séquito, ainda mantém um grande significado, e segundo Brandão, "(...) na verdade [um] dos rituais mais antigos e mais profundos da festa(...)".(Brandão, 2001, p. 03)

A estrutura hierárquica da família real nos festejos de Nossa Senhora do Rosário em Catalão hoje obedece essa formação:

Rei- Eurípedes Antônio Rita, negro, 58 anos, nascido na cidade de Catalão, aposentado, era pedreiro. Filho da Sr^a. Carolina Ribeiro Rita

Rainha- Carolina Ribeiro Rita, negra, 79 anos, nascida na cidade de Catalão, aposentada, era doméstica.

1º Príncipe- José Antônio Barbosa, negro, 38 anos, nascido na cidade de Catalão, trabalha em serviços gerais.

1ª Princesa- Sebastiana da Silva, negra, 61 anos, nascida na cidade de Catalão, doméstica.

2º Príncipe- Cleiton Inês, negro, 32 anos, nascido na cidade de Catalão, mecânico.

2ª Princesa- Cristiane Ribeiro Rita, negra, 26 anos nascida na cidade de Catalão, doméstica. Neta da Sr^a. Carolina Ribeiro Rita.

O Rei e a Rainha eram composto de marido e mulher, mas com o falecimento de seu esposo, o cargo de Rei, passou a ser ocupado por seu filho.

Não há mais as festividades inerentes à coroação do casal de monarcas, o que acontece hoje; ao se reunirem no domingo de manhã na porta da Matriz Velha, para saírem em cortejo para a missa, o casal, rei e rainha, recebem das mãos do presidente da Irmandade suas coroas, por sinal feitas de papelão amarelo.

Mas nem por isso, a deferência e o respeito deixam de existir, tanto por parte dos congadeiros como da comunidade.

Esse misto de sagrado e profano, guardado, no imaginário popular, ligado a um catolicismo barroco as festividades em Catalão, guarda no seu bojo, uma religiosidade muito peculiar, pois, os membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de Catalão, se sentem honrados em representar todos os anos o reinado, que homenageia o rei coroado através das Congadas.

O uso da separação sagrado/profano, está ligado ao fato de que os rituais que homenageia Nossa Senhora do Rosário, e a coroação do rei são realizados dentro da Igreja, ou seja o local que representa a parte sagrada, já a parte profana, é realizada no adro, que se localiza em frente a Igreja.

4.2 A Irmandade hoje.

A religiosidade encontrada junto aos membros da Irmandade, deixa bem caracterizado a relação que existe entre "o universo religioso e o social"(Fraga, p. 168). Esse elo de ligação, vai ficar a cargo da Irmandade, que vai controlar todos os atos sociais, pois, ela é que "constrói e articula um espaço onde se modelam as condutas"(Ibidem, p. 170).

A Irmandade ao construir e articular esse espaço vai promover junto aos membros, ou melhor ao lado das pessoas que tem uma participação mais direta nos festejos "uma representatividade que se articula mais no nível simbólico que nas suas existências no cotidiano: são reis, rainhas, príncipes, princesas, generais, capitães, soldados e bandeirinhas - meninas virgens"(Ibidem, p. 168), que no período dos festejos, essas pessoas assumem seu papel e que são respeitadas como tal. Esse respeito não se dá somente junto aos membros da Irmandade, mas junto também a uma grande parcela da sociedade catalana, principalmente as mais humildes.

Antigamente, os componentes dos ternos de Congo, eram compostos de pessoas negras, que ocupavam os mais diversos tipos de trabalhos, ou seja, os trabalhos mais simples, tais como: roceiros, meeiros, vaqueiros, pedreiros, sapateiros, motoristas, serventes e outros.

Hoje, a realidade é outra, com a miscigenação, há uma percentagem de pessoas pardas, que junto as negras representam mais ou menos 1/3 da população catalana, que promovem as festividades em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, e as brancas, que se juntam para festejar as Congadas como me disse o Sr. Edson Arruda, eles (os negros), não são racistas, os atuais membros não trabalham mais em serviços tido como humildes, como existem membros que ocupam os mais destacados serviços tanto na sociedade catalana, como em cidades vizinhas, ocupando cargos em hospitais como médicos, em escritórios como advogados, engenheiros, gerentes etc.

O lado pedagógico da composição da Irmandade, demanda uma hierarquia inquestionável junto aos membros, pois, é ela quem organiza e fiscaliza, todo o desenrolar dos festejos, que através da sua diretoria se dá:

"nos seguintes níveis: reinado – rei, rainha, príncipes e princesas; general (cargo vitalício e não necessariamente hereditário); suplente de general (cargo criado para dar apoio à tarefa do general, mas sua existência não é uma obrigatoriedade); guarda-coroa (escolhido pelo general e reinado, vitalício); capitães (comandantes dos ternos, quem escolhe é a congregação dos ternos); ternos — moçambiques, congos, catupés cacunda, vilões, marinheiros, ou marujeiros; direção da Irmandade é também denominada diretoria social: presidente da Irmandade, tesoureiro, também denominado diretor de patrimônio, 1º e 2º secretários e presidentes dos conselhos. Essa diretoria social é composta por todos os capitães dos ternos, que, em caso de insubordinação, por parte do presidente da Irmandade, possui poderes de retirá-lo do cargo e assumir suas tarefas. A diretoria da Irmandade é eleita para um mandato de dois anos. Essas pessoas podem ser membros ou não dos ternos."(Brandão, 2001, p. 169)

Esta parte visível do poder da Irmandade, contamina os membros dos ternos, e que se espalha em forma de respeito a todos os participantes dos festejos, principalmente às pessoas que professam sua fé através da homenagem aos santos e santas da religião católica.

Mas o lado invisível da Irmandade hoje, somente os membros da diretoria e umas poucas pessoas é que esta a par de sua atuação junto aos mais diversos órgãos, inclusive planos a serem desenvolvidos junto à comunidade catalana nos próximos anos.

Segundo relato do Sr. Edson Arruda, pessoa já citada, existe um acordo que foi feito pela Irmandade e o bispo Dom Antônio, quando ainda era bispo de Catalão e Ipameri e que hoje se encontra aposentado, que é feita uma doação para a paróquia de 10% do dinheiro arrecadado na festa após retirados as despesas. Esse tipo de acordo vem demonstrar que a Irmandade foi adquirindo bens, que hoje,

como antigamente a Irmandade esta voltada para promover o bem estar dos componentes dos ternos de congo. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, é proprietária da Igreja, que foi construída na forma de mutirão, pelos membros da Irmandade, e é proprietária do terreno onde se encontra a praça situada á frente do seu templo, local onde se realizam as principais ações dos festejos, como a missa campal o asteamento do mastro, a reunião dos ternos de Congo, localiza-se aí também um ranchão, onde se realizam encontros sociais, leilões, danças, etc.

Deu para notar também que a visão dos membros da diretoria hoje é bem amplo, pois, continuando o relato do Sr. Edson:

"nos enfrentamos várias dificuldades, hoje não, hoje nós já temos, e eu tive a felicidade também em 92, a onde a gente tem outra sede lá em cima, só que lá, nós tá querendo botar uma oficina de aprendizado pra os jovens e crianças, a onde nós entendemos que a Irmandade hoje tá com um patrimônio muito grande, então agora nós tem que investir no social, a nossa idéia é que hoje ela não pode mais funcionar da maneira que funcionava, ela tem transformar hoje numa empresa prá poder funcionar os 365 dias do ano".

Essa dimensão político-social da Irmandade, demonstra que a preocupação não acontece somente junto aos jovens e crianças, há também uma preocupação de se prestar apoio aos membros mais antigos da corporação, ou seja:

"hoje a gente tá preocupado com aquela condições do pessoal mais antigo, a gente tá querendo arrumar um plano de saúde, um auxilio, porque a gente que vive prá Irmandade , nós temos vários, aí bem idosos, é até funeral, então nós tamos pensando tudo isso. Nós temos que ter um fundo prá isso, auxilio doença, pra remédio por que as pessoas serve durante esses anos todos e tem 60, 70 80 anos, no fim da vida eles precisa de auxilio".

A Irmandade que em tempos remotos sobrevivia de auxílio feitos por seus membros, hoje ela encara a modernidade usando das prerrogativas que a lei lhe faculta, pois, a preocupação em se apresentar de maneira mais bem aparelhada, nesse caso em relação aos seus uniformes, (pois os instrumentos usados, ou seja as caixas são feitas ainda a mão, usando o couro cru) o Sr. Edson faz um longo relato de como eles, ou seja a Irmandade, conseguiu dinheiro para como ele mesmo fala "se aparelharem melhor seus uniformes".

Ele não cita o nome da lei pela qual eles foram beneficiados, mas em função de sua fala nos leva a crer que seja a Lei Nº 8313 de 23/12/1991 (Lei Rouanet). Não é citado pelo o Sr. Edson, quem teve a iniciativa de recorrer ao Ministério em Brasília a fim de conseguir os fundos necessários para a solução dos seus problemas, e assim ele nos coloca:

"Durante esses anos todos nós participa com recurso nosso mesmo. Então ano trazado (2000), nós já conseguimos uma autorização do Ministro (ele não cita o nome do Ministro) lá em Brasília, é ele liberou e nós fomos lá, a mineração então fez uma doação de R\$ 50.000,00 e a Copegas doou R\$ 50.000,00, que fez um total de R\$100.000,00 dinheiro vivo, foi aonde que a gente, por que o que tava faltando, ocê olha os ternos, tava tudo muito desigual, então nós investimos, o ano passado(2001), compramos a farda completinha, desde o chapéu até o calçado, pra todos os ternos. Eles deram as cores pra gente, fomos e compramos, então ficou bem uniforme. Agora esse ano mesmo você tem que fazer os ofícios, mandar pra aquelas pessoas, então esse ano não veio(2002) porque se tem que fazer com antecedência, por exemplo, pra sai pra festa que nós fazer, nós tem que fazer esse ano(2002) agora, que dá prazo, vai pra Brasília, pro Ministro, ainda mais agora com a troca de governo, é nós tem uns três meses, mais eu acho que agora vai ficar mais fácil porque nós tivemos aprovação uma vez, por que da um processo muito grosso, você precisa, envolve tudo as autoridades, juiz,

promotor, delegado, as cabeças das autoridades tudo. Então vamos juntar as papeladas esse ano pra sair no próximo ano. Então nós temos que dar entrada até o fim do ano pra sair lá pra maio ou junho, que é a época que começa, conta o número de componentes tudo certinho, então nós já tamos fazendo esse trabalho. Pela primeira vez, até o Ministro, achou, falou, uai, cumé que vocês sobreviveu esses anos todos, sem ocupar o Ministro, e mais nós achava que tinha pedido um empréstimo muito alto e no fim isso pra eles era fichinha né? Que essas firma aqui, igual a mineração, e muito delas abate no imposto de renda, então isso libera, desde que o Ministro da o parecer dele lá, é barbada. Com o tempo a gente vai aprendendo a coisa e adquirindo recurso pra ficar mais fácil. Hoje nós temos pensado grande".

Essa é a visão encontrada hoje no que se refere a gestão dos bens adquiridos pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão. Irmandade essa que no seu começo esta voltada para os festejos religiosos dos negros em Catalão, hoje além de promover os festejos, atua como entidade que esta a procura de sua independência financeira, visando melhorar não só os ternos mas a vida dos antigos e atuais membros da Irmandade.

4.3 O simbolismo dos festejos.

As manifestações das Congadas hoje em Catalão, pelo menos no que se refere às colocações dos órgãos de comunicação, ela é vista como uma manifestação ligada ao folclore, mas porém quando se entra em contato com os membros dos ternos, com pessoas que atuam dentro da Irmandade ou com os responsáveis pela armação dos altares e andores da procissão da festa, recria um mundo simbólico.

"A combinação extraordinária e assustadora do etéreo com a onipotência, do não-físico com um poder conformador da realidade"(Bauman, 1999, p. 26), é o que caracteriza a manifestação simbólica de um povo. Esse tipo de visão podemos detectar nas mais diversas formas de representatividade religiosas, como o pagamento da promessa feita, a expiação pelo bem recebido, a missa assistida de joelho ou nas palavras de Sônia, zeladora da Igreja e ornamentadora do andor da procissão de Nossa Senhora do Rosário:

" é um orgulho muito grande né? em cuidar da casa de Nossa Senhora, da casa de nossa mãe Maria, prá gente é um orgulho muito grande, que acho que são poucas pessoas que tem esse privilégio de ter as chaves da casa da mãe Maria e poder cuidar da casa Dela né? da nossa mãe Maria, prá nós, prá mim é um privilégio muito grande".

Vindo reforçar a fala anterior outro membro da Irmandade e também zelador da Igreja o Sr. Orcalino também nos fala:

"Uai, é que, é o seguinte, tem preparar aquele andor com muita devoção e a cada ano que passa, a gente procura enfeitar ele cada vez mais bonito né? que é uma coisa prá Deus né? prá Nossa Senhora, né? a gente tente fazer o melhor possível e a gente fazendo pede proteção Deles pra que no próximo ano a gente pode continuar a caminhada".

Além dos zeladores, um ex presidente da Irmandade, o Sr. Sebastião Antônio Ribeiro também nos coloca sua visão da festa e da fé que ele tem e o significado em estar presente nos festejos de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, onde ele demonstra que a questão religiosa e cultural é mais relevante do que o conceito de folclore:

"olha é uma satisfação muito grande, porque a gente tem fé, tem devoção e isso faz com a emoção cresça mais ainda, é uma coisa muito bonita, é uma cultura muito bonita é a nossa raiz, e jamais nois podemos deixar de sair pra rua e mostrar pra pessoas o que á a cultura dos pretos de Catalão. A gente sai com muita garra e muita fé, não tem calor, nem chuva, não tem nada que atrapalha, nois sair nas ruas de Catalão pra louvar Nossa Senhora do Rosário. Comecei com um voto feito por minha mãe de eu acompanhar a procissão de Nossa Senhora do Rosário, eu tinha 1 ano, depois voltei quando tinha 3 anos, e de lá pra cá nunca mais parei de dançar neste terno de congo aqui o Terno do Prego, hoje tem aproximadamente 41 anos que danço em louvor a Nossa Senhora do Rosário".

4.4 Os Rituais.

Neste contexto, que vai se desenrolar um ritual, que inicia-se na última sexta - feira do mês de setembro e que vai se estender até o segundo domingo do mês de outubro. Rituais esses, que segundo Cazeneuve "têm por principal função fazer participar a condição humana no seu conjunto ou nos seus elementos constitutivos num princípio que a ultrapassa e que a fundamenta. Eles fazem penetrar o poder numinoso na ordem humana."(Cazeneuve, s/d, p. 247)

O ritual "propriamente dito distingue-se dos outros costumes"(Cazeneuve, s/d, p. 10), pois, a sociedade catalana, passa a participar das alvoradas, novenas, missas, terços, ladainhas, tudo isso, para que no sábado, anterior ao domingo da festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, os terços de Congo, saiam de seus barracões para o asteamento do mastro com bandeira na praça que fica em frente à Igreja do Rosário, e que segundo Edson Arruda (membro do Terno de Congo Prego), como ele mesmo autodenomina, tocador de caixa, relata:

"no sábado é a levantação do mastro, que nós vamos reunir esse ano lá na velha matriz, pegar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e vem em cortejo, para a praça do Rosário e lá essa bandeira vai ser colocada num mastro, porque aqui é tudo quilometrado [sic], por que nós estamos saindo de lá e o terço esta sendo rezado, nós temos que chegar lá mais ou menos na hora que tá terminando, por que ai termina o terço, já vem o pessoal e nós e chega pra nós levantar a bandeira..."

O terno foi fundado⁹ em 27 de maio de 1961. Esse grupo de dançadores apresentou de início com os seguintes capitães: 1º Capitão- Geraldo Arruda "o Prego", o 2º Capitão- Sebastião Antônio Ribeiro, atualmente conta como 1º Capitão- Elson Arruda e o 2º Capitão- Eurípedes dos Santos, Capitão Suplente Geraldo Calixto e um Capitão Mirim- Lucas Gomes Arruda. O terno possui 115 dançadores: assim distribuídos- 60 adultos, 55 menores e 32 bandeirinhas¹⁰. As vestimentas completa, ou melhor as fardas deste terno apresentam as seguintes cores; calça branca com cordão e faixa vermelha, camisa azul turquesa com tala branca e tênis branco. Os instrumentos que acompanha as músicas são: caixa ou bumbo, pandeiro, sanfona, violão e cavaquinho. Vale ressaltar que as letras das músicas cantadas pelo terno, são feitas de improviso, indo de acordo com o momento de alegria e louvor à Santa, que é o principal objetivo de cada terno com as músicas.

Após esta pequena história do Terno de Congo Prego¹¹, voltamos à questão do percurso que é feito pelo Terno de Congo Prego, e os demais eram determinado pelo Mordomo da Bandeira, que ficou a cargo da família do Sr. Jorge

⁹ O termo fundado, significa que o Terno foi registrado junto à Irmandade. Antes desta data não existia nenhum tipo de registro, os dados eram passados oralmente. A bisavó do Sr. Geraldo Prego, foi uma das pessoas que trouxeram de Araxá MG, os festejos das Congadas para Catalão.

¹⁰ "As bandeirinhas são membros indiretos da Irmandade, escolhidas dentre as famílias que compõem a confraria, desde que estas preencham os requisitos exigidos: serem jovens e virgens". Fraga, 1999, p.169.

¹¹ O terno foi escolhido para estudo por indicação do Sr. Rubens Nei Gomes, primo da bibliotecária do IFITEG, Solange Gonçalves Melo.

Elias Primo, durante 65 anos. O Sr. Jorge, era um emigrante sírio-libanês, comerciante, que morou durante várias décadas em Catalão. Hoje já falecido.

Pela primeira vez, o cortejo seguiu um caminho determinado pela Irmandade, que a partir desse ano (2002), é que estará à frente desse comando, sorteando tal se faz com o festeiro, um Mordomo da Bandeira.

O trajeto escolhido esse ano foi: saindo da rua José Saturnino de Castro, N.º 95, em direção à rua João XXIII, depois subiu-se a rua João Neto de Campos, atravessou-se a Av. 20 de agosto, até atingir a Praça da Velha Matriz, saiu-se da praça na direção da Av. Farid Miguel Safatle até chegar à rua Egrineu Teixeira, alcançando novamente a 20 de agosto, até à rua Wagner Estelita de Barros, chegando em seguida à Praça da Igreja do Rosário.

Após o asteamento do mastro com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, na praça Irineu Reis Nicolett, nome dado em homenagem ao primeiro general de terno de Congo da cidade de Catalão é feita uma salva de fogos de artifícios, dando por encerrado o ritual do sábado.

No domingo de manhã, os ternos de Congo, agora todos, com seus uniformes, pois, no sábado os ternos não usam os seus uniformes, se agrupam na porta da matriz velha, para de lá saírem e, irem em direção à praça, para a missa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Os ternos ao se dirigirem em direção à porta da Igreja, vão fazendo suas evoluções e cantando suas músicas, sob o comando dos capitães.

A Festa do Rosário como é conhecida, hoje (2002), se compõem de dezesseis Ternos de Congo, com as seguintes denominações:

Terno de Congo	1º Capitão	2º Capitão
Congregação do Rosário	José Furtado	João Marçal
Nossa Senhora Mãe de Deus	Geraldo Arruda	Antônio Ribeiro
Nossa Senhora de Fátima	José Alves	Antônio
Santa Terezinha	Antônio Alves de Lima	Durval Saviano
Sagrada Família	Antônio S. de Freitas	Divino T. da Silva
São Francisco	Reginaldo N. Reis	Geraldo
Pio Gomes	Dim.	Jovêncio
Mamãe do Rosário	Geraldo Dias	Willian
De Goiânia	Osório	José Mário

Moçambique do Maletinha	1º Capitão	2º Capitão
	João Merenciano Francisco	Geraldo Miguel

Catupé Cacunda	1º Capitão	2º Capitão
São Benedito	Marcos Antônio de Jesus	Jilvano Rosa
Nossa Senhora das Mercedes	João Batista Souza	Valdir da Silva
Do Rosário	Carlos F. R. da Silva	Saulo Júnior

Vilão	1º Capitão	2º Capitão
Santa Efigênia	Joaquim Coelho	Eurípedes

Marinheiro	João Diniz	Maurício Coelho
Marujeiro ¹²	João Bianco	Wilson

Os ternos de dançadores que existem hoje em Catalão, apresentam-se com uma composição que vai de 50 a 200 integrantes, somando mais de 2000 dançadores, existe uma diferenciação entre os mesmos devido ao ritmo e as suas fardas, e são eles:

¹² Há também nesse um 3º capitão o Sr. Antônio Rosa.

a) **Congo**- ritmo com andamento mais cadenciado, com evoluções discretas e músicas com conteúdo de saudação. Usam capacetes ou casquetes e as cores de suas vestimentas são variadas, predominando o azul, rosa e branco.

b) **Moçambique**- são os guardiões da coroa. Sem eles a coroa e o reinado não podem sair. Usam somente o branco e uma fita cor de rosa na cintura ou no peito. É tradição usarem os guizos nas pernas. Quase não evoluem (dança) a marcação dos instrumentos são de forma de lamentos.

c) **Vilão**- são brincalhões, alegres e dançam com muitas evoluções. Suas roupas e capacetes são bem coloridos com flores e fitas. Trazem na cintura um facão e nas mãos um bastão que fazem parte das suas coreografias. Suas músicas são variadas.

d) **Catupé-Cacunda**- estes dançadores, possuem uma coreografia e uma marcação de ritmo que os caracterizam bem como o nome "Catuca com o pé a Cacunda" (dialeto africano). Suas músicas são de andamento rápido e não obedecem a um tema religioso.

e) **Marinheiro**- é uma dissidência do Congo e pouco diferencia do mesmo. Em alguns lugares estes são bem diferenciados, a dança e as músicas são iguais as do Congo.¹³

Todo esse aparato festivo-religioso, esta sempre sob o comando de um General que na cidade de Catalão é perpetuo, o Sr. João Batista Rita, negro, 55 anos, nascido na cidade de Catalão, funcionário público municipal, subiu a este posto após o falecimento do antigo General o Sr. Gabriel Gustavo da Silva, falecido em 27/03/2002.

¹³ login@portalcatalao.

Dos dezesseis ternos deste ano, o último a sair da porta da velha matriz, é o terno Moçambique Mãe do Rosário que acompanha a família Real e séquito, sendo Carolina Ribeiro Rita a **Rainha** e Eurípedes Ribeiro Rita o **Rei**, fazem parte deste cortejo os festeiro do ano, o Sr. Fabian Luís Goulart e a Sr^a. Walquiria R. S. Goulart, que conduzem a coroa do Rosário, sob a guarda de dois Capitães. O Sr. Antero Coelho, negro, 65 anos, nascido na cidade de Catalão, hoje um aposentado, e o Sr. João Santos, 70 anos, nascido na cidade de Catalão, também aposentado.

A missa é campal, pois, a capela pelo seu tamanho não comporta os fiéis, após a missa nova salva de tiros de foguetes é dada. Os ternos se retiram, para voltarem novamente no período da tarde, onde novamente fazem suas embaixadas entoam seus cantos, para saírem em procissão, com os andores de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, percorrendo praticamente os mesmos caminhos do dia anterior, para retornarem à Igreja, sob aplausos e gritos de vivas aos oragos protetores.

Na segunda-feira, é o ponto máximo dos festejos, pois, acontece a entrega da coroa ao novo festeiro, homenagem esta que é de muita importância para quem recebe a coroa.

Dentre o festejos, um fato chamou muito a atenção, na residência do antigo Capitão do Terno de Congo Prego, o Sr. Geraldo Arruda "Prego¹⁴", hoje falecido, na segunda-feira é servido um almoço, que iniciou-se quando o Sr. Geraldo se encontrava adoentado, onde um grande contingente de pessoas se ocupam de realiza-lo.

¹⁴ Apelido de infância, devido se muito magro e a cabeça grande.(Relato de seu filho Edson Arruda)

Este almoço, que é feito "pelos irmãos", pois os membros da Irmandade assim se denominam, e servido a mais ou menos 1600 pessoas, onde não se detecta as diferenças sociais ou raciais, tanto na cozinha como ao ser servido o tal almoço, se misturam, médicos, advogados, engenheiros, fazendeiros, costureiras, meeiros, serventes, lavradores, mecânicos, negros, pardos e brancos.

É feito e servido no quintal da família Arruda, pois, o mesmo vai de uma rua a outra, sendo habitado pelos membros da família, formando assim um grande pátio interno, todo coberto por grandes pés de mangueiras, onde são dispostas as mesas, com bancos à sua volta.

O festeiro para o ano de 2003, será membros da família Arruda; os irmãos Edson Arruda, negro, nascido na cidade de Catalão, funcionário público e Edsônia Arruda, negra, nascida na cidade de Catalão, doméstica. Família que comanda o Terno de Congo Prego.

Finalizando a parte que se refere ao ritual do sagrado usaremos novamente a fala de Fraga:

"a festa da Congada, na cidade de Catalão, com todo o seu aparato ritual e simbólico, ressalta e realça aquilo que, no cotidiano, passa despercebido: as diferenças sociais e a necessidade de reafirmação do poder por aqueles que, dentro da ordem social, são negros ou são pobres. Mas a Irmandade possui aí um poder de reafirmação da "Ordem". Da ordem de um grupo que se vê como importante na formação da sociedade brasileira – os negros –que, por meio da festa, se faz reverenciado por todos que compõem a ordem social vigente local."(Fraga, 1999, p. 181)

As colocações da Fraga, vem de encontro, com o questionamento que fazíamos em nossa hipótese, sobre a construção de uma identidade negra na cidade de Catalão, através da Congada.

Fator esse que é reforçado pelas palavras de um dançador de congo, que dança no Terno do Pregão, o Sr. Júnior que nos coloca:

"Há 15 anos, estou participando principalmente pela raça negra, o meu pai é um negro, e para mim a raça negra é o de que tem de mais puro no planeta terra. Por que desde o início, como Jesus já disse antes, então vem para libertar a humanidade e o negro e também o povo do Egito, os israelitas sempre foi massacrado desde a África e veio para o Brasil pela sua submissão, então partindo dessa cultura o negro sempre gritou por essa liberdade e pela cultura e a gente nunca deve esquecer disso, por que o preconceito é uma das piores formas de desumanidade, então o homem é igual, o sangue é vermelho, a alma é branca e pra Jesus, pra Deus todo mundo é igual. Por que a gente nunca deve esquecer que teve uma raça que foi pisoteada pelo próprio irmão, que era o branco na época, é por isso que eu danço pra lembrar a minha raça que é de negro. Para mim não há nada igual, é o que eu falo a meus amigos, quando a gente ouve o som das caixas, a gente sente um arrepio, é como se sentisse o espírito dos antigos negros junto da gente, querendo tocar também".

As Congadas, que festeja a coroação de seu rei negro, juntamente com sua rainha, esta sob o comando da Irmandade, que construiu, e ainda continua construindo a identidade negra, e como tal constrói também a identidade da cidade de Catalão, pois, segundo Durkheim "a sociedade de diferenciação orgânica não se poderia manter se(...) não houvessem imperativos e interditos, valores e objetos sagrados coletivos, que vinculassem as pessoas ao todo social"(Aron, 1995, p. 307), fato esse que caracteriza não a consciência coletiva dos negros, mas a existência de consciência coletiva da cidade de Catalão.

4.5 O outro lado da festa.

Ao festejar a coroação de seu rei, os negros, abrem seu espaço para os festejos populares, e um dos elementos que fazem parte dessas festividades são as barracas, componente que participa destas festas desde os meados do século XVII.

As primeiras barracas começam a chegar e se instalar, aproximadamente, dez dias antes dos festejos, ocupando uma grande parte das ruas que se localizam em torno da Igreja da Santa homenageada.

Segundo informações colhidas, aproximadamente 600 barracas, vindas de vários Estados, inclusive de países latino-americanos, como Argentina, Bolívia, Peru, Equador, passam ocupar nada mais nada menos que sete ruas, que desembocam na praça, as vias públicas: Americano do Brasil, Margem Estrada de Ferro(Jocelin Gomes Pires), João Rabelo de Mesquita, P. Ponciano, José de Souza, Vereador Kazesses Abraão e praça Aguiar de Paula, se transformam em um outro mundo, onde se é oferecido toda espécie de objetos para os mais variados usos, além das barracas que oferecem todo os tipos de comidas e bebidas, elementos que se transformam em objetos para saciar os mais estranhos desejos de uma população ávidas por novidades.

A festa oferece além da parte religiosa, comercial, muitas outras opções de diversão. Todos os anos são mais de 50.000 pessoas que transitam pelas ruas, parques, bares, etc. fazendo com que mude totalmente o ritmo do cotidiano da cidade.

Durante o dia e boa parte da noite, essas vias dão a impressão de artérias por onde corre o sangue que mantém vivo esse gigante, onde polulam as mais variadas formas de pessoas com suas roupas coloridas, alimentando seus desejos estranhos.

Além das barracas dos ambulantes, se encontra parques, com seus diversos brinquedos, criando um mundo de sonhos para a criançada, os jogos de roleta e de azar, onde o anseio de se ganhar alguma coisa ou dinheiro, vai fazendo que os barraqueiros, com seus discursos, animem cada vez mais os jogadores a deixarem o seu dinheiro, fruto de seu trabalho diário irem em outra direção, ou seja para a caixa do esperto barraqueiro.

Esse é o mundo das festividades populares tão comuns nas cidades do interior brasileiro, onde nem sempre é fácil separar o sagrado do profano, e que os membros que constróem este mundo, faz da festa, segundo DaMatta, um "tempo", onde se suprime todas as suas atividades provocando um vazio de atividades diárias, resgatam um "espaço" que é revivido a cada instante por meio dos ritos inerentes aos festejos, onde não se percebe uma dicotomização distinta entre as classes que compõem este universo social. Portanto os ritos devem ser considerados como um conjunto de condutas individuais ou coletivas com forte carga simbólica para quem os executa e não simplesmente comportamentos rotineiros.

Apesar de haver uma hierarquização, ela é quase que diluída no universo dos festejos, principalmente quando as autoridades civis e eclesiásticas descem de seus palanques e se misturam ao populacho, criando uma massa homogeneizada pelos valores e crenças religiosas, onde a crença de todos, os motivos consagrados

pela fé e pela tradição local na reprodução do ritual com o envolvimento de seus figurantes.

Esses personagens que sustentam esse mundo de fantasia estarão sempre dispostos a retornarem no próximo ano, para novamente fazer viver esse universo religioso que está presente nos festejos populares quando se homenageia seus santos protetores.

CONCLUSÃO

Para Durkheim, consciência coletiva é "as representações, as emoções e as tendências coletivas não tem como geradoras certos estados de consciência individual, mas condições em que se encontra o corpo social em seu conjunto"(Castro, 2001, p.67), esta situação pode ser lida nos festejos das Congadas da cidade de Catalão.

Num primeiro corpo social, os negros, na visão de Brandão, socialmente são incluídos através da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, por meio da qual participam da Igreja como figurantes dos rituais, como Irmãos.

Na estrutura da festa, incluídos como parte do núcleo de sua estrutura, há uma ordem de festa que reúne todos os rituais em uma unidade de culto e festejo ao santo.

No conjunto do ritual, cortejos com reis e festeiros mais as congadas, composta de 16 ternos, uma missa especial para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, mais as visitas feitas pelos ternos de Congo. Rei e Rainha perpétuos, junto com a família real, mais os festeiros do ano conduzidos por guarda de ternos.

A participação dos negros nos rituais, é intensa, os negros consideram a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e o congado coisa deles. Além da participação de negros na assistência, é intensa e entusiasmada, há muitos casos de negros vindos da roça de cidades vizinhas.(Brandão, 1987, p. 221)

Num segundo plano, a sociedade catalana, na atualidade, é absorvida pelos festejos dos negros, e com eles festejam as Congadas, o que deixa bem caracterizando que a consciência coletiva hoje não esta restrita mais a uma parcela da sociedade que são os negros, mas essa consciência pertence abrange a toda uma cidade.

BIBLIOGRAFIA

ABREU. Martha, *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830/1900*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira; São Paulo Fapesp, 1999.

ARON. Raymond, *As Etapas do Pensamento Sociológico*, São Paulo, Martins Fontes, 1995.

BASTIDE, Roger, *As Religiões Africanas no Brasil*, São Paulo, Livraria Pioneira, 3ª ed. 1989.

BORGES. Barsanufu Gomides, *O Despertar dos Dormentes*, Goiânia, Cegraf, 1990.

BOSI. Alfredo, *Dialética da Colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BOSCHI. Caio César, *Os Leigos e o Poder*, São Paulo, Editora Ática, 1986.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues, *A Cultura na Rua*, Campinas, Papirus Editora, 2ªed., 2001.

_____, *Memória do Sagrado*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

_____, *A Festa do Santo Preto*, Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, Goiânia, UFG, 1985.

_____, *Peões Pretos e Congos*, Goiânia, Editora Universidade de Brasília, 1977

_____, *Festim dos Bruxos: estudos sobre a religião no Brasil*, Campinas, Editora da UNICAMP, São Paulo, Editora Ícone, 1987.

_____, *Identidade e Etnia: Construção da pessoa e resistência cultural*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

CAMPOS. Maria de Lourdes Netto, *Catalão: Estudo histórico e geográfico*, Goiânia, CERNE, 1976.

CARVALHO. Adelmo de, *Pirenópolis. Coletânea 1727/2000* Goiânia, Editora Kelps, 2000.

CASCUDO. Luís Câmara, *Antologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo Global Editora, 5ª ed., 2001.

CASTRO. Ana Maria e DIAS. Edmundo Fernandes,(org.) *Introdução ao Pensamento Sociológico*, São Paulo, Centauro Editora, 2001.

CAZENEUVE. Jean, *Sociologia do Rito*, Trad. M. L. Borralho, Porto, Portugal, RÉ- Editora, sem data.

CHAUL. Nars Fayad, *Caminhos de Goiás, da construção da decadência aos limites da modernidade*, Goiânia, Editora UFG, 2ª ed. 2002.

COSTA. Emilia Viotti da, *Da Senzala à Colônia*, São Paulo, Editora Brasiliense, 3ªed. 1989.

COUTINHO. Sérgio Ricardo, (org.) *Religiosidade, Misticismo e História no Brasil Central*, Brasília, CEHILA, 2001.

CUCHE. Denys, *A noção de cultura nas ciências sociais*, trad. Viviane Ribeiro, Bauru, EDUSP, 1999.

DAMATA. Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis*, Rio de Janeiro, Rocco, 6ª ed. 1997.

DEL PRIORE. Mary, *Festas e Utopias no Brasil Colonial*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

ETZEL. Eduardo, *Divino, Simbolismo no Folclore e na Arte Popular*, São Paulo, Editora Giordano, 1995.

FERRETI. Sérgio Figueiredo, *Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, FAPEMA, 1995.

FIGUEIREDO. Luciano, *O Averso da Memória*, Brasília, José Olympio, Edunb, 1993.

FILHO. Aires da Mata Machado, *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1985.

FLORENTINO. Manolo, *Em Costas Negras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

FRANCO. Maria Sylvia de Carvalho, *Homens Livres na Ordem Escravocrata*, São Paulo, UNESP, 4ªed. , 1997.

FRAGA. Leila Miguel, *Irmadade Nossa Senhora do Rosário das Congadas de Catalão: a legitimação da Ordem*, In Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, v. 1. - Goiânia, Editora da UCG, 1996. p.165.

FRAGINALS. Manoel Moreno, *O Engenho: complexo sócio-econômico açucareiro cubano*, trad. Sônia Rangel e Rosemary C. Abílio, São Paulo, HUCITEC, Editora UNESP, 1987.

GEERTZ. Clifford, *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro, LTC, 1989.

GOMES. Luís Palacín, *História de Goiás em Documentos*, Goiânia, Editora da UFG, 2001.

_____, *História Política de Catalão*, Goiânia, Editora da UFG, 1994.

HOLANDA. Sérgio Buarque, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 26ªed. 2001.

HOORNAERT. Eduardo, (org.) *História da Igreja no Brasil*, Petrópolis, Editora Vozes, tomo II./1,2, 1992

_____, *Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550/1800*, Petrópolis, Editora Vozes, 3ªed. 1991.

IANNI. Octavio, *Escravidão e Racismo*, São Paulo, Editora Hucitec, 1988.

JANCSÓ. István e KANTOR. Íris, (org.) *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, São Paulo, Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001. (Coleção Estante USP, Brasil 500 anos, v.3)

LANTERNARI. Vittorio, *As Religiões dos Oprimidos*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.

LIMA. Nei Clara, *Pilar: Um Grito pelo Sagrado*, Brasília, Departamento de Antropologia, UNB, 1990. (datilografado).

LUCAS. Fábio, *Luzes e Trevas, Minas Gerais no Séc. XVIII*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

MATTOSO. Kátia de Queirós, *Ser Escravo no Brasil*, trad. James Amado, São Paulo, Brasilense, 2001.

MAUÉS. Raymundo Heraldo, *Uma Outra Invenção da Amazônia*, Belém, Cejup, 1999.

MEYER. Marlyse, *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo, EDUSP, 2ªed., 2001.

MIRA. João Manoel Lima, *A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro*, São Paulo, Edições Loyola, 1983.

PAIVA. Eduardo França, *Escravidão e Universo Cultural na Colônia*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

PALACÍN. Luís, *O Século do Ouro em Goiás*, Goiânia, Editora da UCG, 4ªed., 1994.

QUEIROZ. Maria Isaura Pereira de, *O Messianismo, no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Editora Alfa-Omega, 2ª ed. ver. e ampl., 1977.

QUEIROZ. Sônia, *Pé Preto no Barro Branco*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

REIS. João José, GOMES. Flávio dos Santos, *Liberdade por um Fio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____, SILVA. Eduardo, *Negociação e Conflito*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

_____, *A Morte é uma Festa*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO. Maria Eurydice de Barros, *Os Símbolos do Poder*, Brasília, Editora da UNB, 1995.

ROCHA. Leandro Mendes, *O Estado e os Índios: Goiás 1850-1889*, Goiânia, Ed. UFG, 1998.

SAINT-HILAIRE. Auguste, *Viagem à Província de Goiás*, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1975.

SALLES. Gilka Vasconcelos Ferreira de, *Economia e Escravidão na Capitania de Goiás*, Goiânia, CEGRAF/UFG, 1992.

SALLES. Fritz Teixeira, *Associação Religiosas no Ciclo do Ouro*, Belo Horizonte, UFMG, 1963.

SCARANO. Julita, *Devoção e Escravidão*, São Paulo, Ed. Nacional 2ª ed. 1978.

_____, *Negro nas Terras do Ouro*, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed. ver. e ampl., 2002.

SCHWARTZ. Stuart B., *Escravos, Roceiros e Rebeldes*, trad., Jussara Simões, Bauru EDUSC, 2001.

SILVA. Martiniano J., *Resistência dos Quilombos no Brasil Central*, In, Os Quilombos, org. Clóvis Moura, Maceió, EDUFAL, 2001.

SILVA. Mônica Martins, *A Festa do Divino. Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis*, Goiânia, AGEPEL, 2001.

_____, *As fronteiras da Fé nos Domínios das Festas: sociedade, igreja e romanização em Pirenópolis (1890-1950)*, In, Fragmentos de Cultura, Goiânia, IFITEG, 1991, v. 1, n.1.

SOARES. Mariza de Carvalho, *Devotos da Cor*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA. Marina de Mello, *Reis Negros no Brasil Escravista*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001.

TINHORÃO. José Ramos, *As Festas no Brasil Colonial*, São Paulo, Editora 34, 2000.

VASCONCELOS. Lauro de, *Santa Dica, encantamento do mundo ou coisa do povo*, Goiânia, CEGRAF/UFG, 1991.

VASCONCELOS. Sérgio Sezino Douets, *Religião e Identidade, O Candomblé e a Busca da Identidade Brasileira*, In Revista de Teologia e Ciências da Religião, Recife, UCP, 2002, ano 1, Nº 1, p. 151

ANEXOS

